



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO – MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

TAÍSA RESENDE DE MORAES VIEIRA

**EDUCAÇÃO MUDIÁTICA E CIDADANIA: DO DIREITO À INFORMAÇÃO À
PARTICIPAÇÃO CRÍTICA DO IDOSO NA SOCIEDADE**

Palmas, TO
2024

TAÍSA RESENDE DE MORAES VIEIRA

**EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E CIDADANIA: DO DIREITO À INFORMAÇÃO À
PARTICIPAÇÃO CRÍTICA DO IDOSO NA SOCIEDADE**

Memorial Acadêmico apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal do Tocantins (UFT), na Linha de Pesquisa: Métodos e técnicas de ensinar e aprender na educação básica, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador^a: Prof.^a Dra. Marluce Evangelista
Carvalho Zacariotti

Palmas, TO
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- V658e Vieira, Taisa Resende de Moraes.
 Educação midiática e cidadania: Do direito à informação à participação crítica do idoso na sociedade. / Taisa Resende de Moraes Vieira. – Palmas, TO, 2023.
 80 f.
- Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em Educação, 2023.
 Orientadora : Marluce Evangelista Carvalho Zacariotti
1. Idosos. 2. Tecnologia da informação. 3. Universidade da maturidade. 4. Educação midiática. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

TAÍSA RESENDE DE MORAES VIEIRA

EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E CIDADANIA: DO DIREITO À INFORMAÇÃO À PARTICIPAÇÃO CRÍTICA DO IDOSO NA SOCIEDADE

Memorial Acadêmico apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Campus Palmas, na Linha de Pesquisa: Métodos e técnicas de ensinar e aprender na educação básica, avaliado para a obtenção do título de Mestre em Educação e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação: ___/___/___

Banca Examinadora:

Prof. (a) Dr. (a) Marluce Evangelista Carvalho Zacariotti - UFT

Prof. (a) Dr. (a) Valquíria Guimarães da Silva, UFT/UNB

Prof. (a) Dr. (a), Denise de Barros Capuzzo, PPGE- UFT

Prof. (a) Dr. (a), Maria Elisabete Antonioli, ALTEJOR-ESPM-SP

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar profunda gratidão a todas as pessoas que contribuíram de forma significativa para a realização desta dissertação. Sem o apoio e incentivo destes, este trabalho não teria sido possível.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que me deu forças e sabedoria para enfrentar os desafios ao longo da jornada acadêmica.

Agradeço também ao meu filho Joaquim, que abriu mão de brincadeiras e momentos juntos, para entender a importância desse projeto e me apoiar durante as horas de estudo e pesquisa.

Agradeço ao meu esposo cujo apoio incondicional foi fundamental em todos os momentos, me incentivando a persistir mesmo diante das dificuldades.

Minha mãe, que sempre foi uma mulher de fé, e desde o início desse sonho de ingressar no mestrado, acreditou em mim e orou com suas simples palavras. Seu amor incondicional e suas orações sinceras foram um alicerce, uma fonte de motivação e inspiração em cada passo que dei ao longo dessa jornada.

Foi ela quem sempre esteve ao meu lado, compartilhando das alegrias e das dificuldades, torcendo por cada conquista e me incentivando a nunca desistir, mesmo nos momentos mais desafiadores. Suas palavras de encorajamento e seu apoio constante foram como um bálsamo em minha jornada acadêmica.

Obrigado, minha mãe, por ser a minha maior incentivadora e por sempre acreditar em mim. Que Deus a abençoe sempre e que possamos celebrar juntas todas as vitórias da vida.

Gostaria de dedicar uma palavra especial ao meu pai, em memória, que infelizmente não está mais entre nós para testemunhar este momento. Seu amor, ensinamentos e apoio incondicional foram fundamentais em minha vida e trajetória acadêmica.

Um agradecimento especial é direcionado aos membros da banca, que aceitaram o convite para avaliar este estudo com zelo e dedicação. Suas contribuições e observações foram essenciais para aprimorar esta pesquisa.

Por fim, sou imensamente grata à minha orientadora, a professora Dra. Marluce Zacariotti, cuja expertise, orientação e encorajamento foram fundamentais para a construção deste trabalho. Sua paciência, sabedoria e comprometimento foram essenciais para o meu crescimento acadêmico e pessoal ao longo desta caminhada.

A todos, o meu mais sincero agradecimento. Cada gesto de apoio, cada palavra de incentivo e cada oração foram importantes para a concretização deste sonho acadêmico. Que

esta dissertação possa contribuir de alguma forma para a ciência e para a sociedade.

Muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo identificar o perfil midiático de consumo de informações dos idosos participantes da Universidade da Maturidade (UMA) - Campus Palmas, para compreender a relação dos idosos com as informações em formato digital e, assim, propor o desenvolvimento de um caderno digital como recurso metodológico/didático para a alfabetização midiática dessa população. A pesquisa, de natureza qualitativa, proporcionou a criação de um caderno digital, enquanto produto educacional alinhado com o objeto de estudo, com o objetivo de ancorar docentes e/ou instrutores no processo de educação midiática de idosos. O caderno é um recurso metodológico nos formatos digital, de fácil acesso e entendimento, que poderá ser utilizado em qualquer espaço educativo voltado a pessoas idosas. Torres (2015) destaca que a elaboração de cadernos/cartilhas, contextualizados e com objetivos claros, estimula a interação e a informação social. No contexto ético, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Tocantins, por meio da plataforma Brasil, sendo desenvolvidos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido para os participantes, além de um termo de autorização institucional para garantir a integridade da pesquisa e dos colaboradores. O problema de pesquisa surge da indagação sobre o perfil midiático de consumo de informações dos idosos da UMA - Campus Palmas, desdobrando-se em questões relacionadas ao tipo de plataformas utilizadas por eles para se informar; o que fazem com as informações recebidas e quais as dificuldades que eles enfrentam no uso de tecnologias. Por meio desse estudo, pretende-se discutir a questão da importância do acesso a informações de qualidade por parte da sociedade como um todo e dos idosos, assim como colocar em evidência as estratégias para promover um consumo de informações (notícias) mais crítico e consciente. O método de pesquisa incluiu levantamento bibliográfico documental, observação e aplicação de questionários. Os sujeitos da pesquisa são os idosos matriculados na UMA, considerando como marco temporal os alunos ingressantes no ano de 2022/23. Os resultados da pesquisa, apontaram para uma diversidade de preferências no consumo midiático, o que sugere a importância de estratégias educativas que considerem essa variedade de fontes e formatos. O produto educacional resultante, o caderno digital oferece uma base teórica e metodológica para a promoção da alfabetização midiática, com foco na orientação dos facilitadores da educação midiática na UMA - Campus Palmas (UFT).

Palavras-chave: Idosos. Universidade da Maturidade. Educação Midiática.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the media profile of information consumption of elderly people participating in the University of Maturity (UMA) - Campus Palmas, proposing the development of a digital notebook as a methodological/didactic resource for media literacy for this population. The research, of a qualitative nature, uses techniques such as documentary research, bibliography and questionnaires. The central bet is that the digital notebook, as an educational product, is aligned with the object of study by promoting pedagogical strategies in digital and virtual formats. The intention is for this material to be accessible through fixed and mobile devices, becoming the best option for media education for the elderly. Torres (2015) highlights that the creation of notebooks/booklets, contextualized and with clear objectives, stimulates interaction and social information. In the ethical context, the research was submitted to the Ethics Committee of the Federal University of Tocantins, through the Brasil platform, and Informed Consent Terms were developed for the participants, in addition to an institutional authorization term to guarantee the integrity of the research and of collaborators. The research problem arises from the inquiry into the media profile of information consumption by the elderly at UMA - Campus Palmas, unfolding into issues such as the platforms used, the actions carried out with the information and the strategies to promote more consumption. critical and conscious. The research method included a bibliographical documentary survey, observation and application of questionnaires. The resulting educational product is a digital notebook aimed at elderly education teachers, offering specific resources and strategies for promoting media literacy, with a focus on guidance from media education facilitators at UMA - Campus Palmas (UFT). The research subjects are seniors enrolled at UMA, considering students entering in the year 2022/2023 as a time frame. The research results pointed to a diversity of preferences in media consumption, which suggests the importance of educational strategies that consider this variety of sources and formats. The resulting educational product, the digital notebook, offers a theoretical and methodological basis for promoting media literacy, with a focus on guiding media education facilitators at UMA - Campus Palmas (UFT).

Keywords: Aging. University of Maturity. Media Education

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
UFT	Universidade Federal do Tocantins
PROINFO	Programa Nacional de Tecnologia Educacional
MEC	Ministério da Educação
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
TDIC	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
EAD	Educação à Distância
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NTE	Núcleo de Tecnologias Educacionais
PNE	Plano Nacional de Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
UMA	Universidade da Maturidade
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TAI	Termo de Autorização Institucional

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Estado Civil dos Entrevistados.....	59
Gráfico 2 - Formação dos entrevistados	60

SUMÁRIO

SEÇÃO 1

Memorial acadêmico	12
Introdução	15
Problema da pesquisa.....	19
Objetivos.....	21
Justificativa	22

Capítulo 1

1. EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS	22
---	-----------

Capítulo 2

2. ABORDAGENS METODOLÓGICAS DE EDUCAÇÃO MIDIÁTICA PARA IDOSO	30
2.1 Estratégias metodológicas de educação midiática para idosos.....	33

Capítulo 3

3. IDOSOS E AS NOVAS PERSPECTIVAS DE INTERAÇÕES SOCIAIS	41
3.1 O idoso, a educação e a mídia.....	44
3.2 A experiência da Universidade da Maturidade	49

Capítulo 4

4. METODOLOGIA.....	53
4.1 Abordagens metodológicas e conceituais.....	55
4.2 Desenho da pesquisa.....	55
4.3 Amostra	56
4.4 Coletas de dados	56
4.5 Resultados e análises de dados	59
4.5.1 Características demográficas dos participantes	59
4.5.2 Uso de mídia digital e acesso à internet	62
4.5.3 Fonte de informação e consumo de conteúdo	63
4.5.4 Percepções e atitudes em relação à alfabetização midiática.....	65
4.5.5 Sugestão de material educativo sobre o tema.....	67

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
----------------------------------	-----------

SEÇÃO 2

1. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL – NAS ONDAS DA SABEDORIA DIGITAL: UM CADERNO DE EDUCAÇÃO MIDIÁTICA DE IDOSOS	71
--	-----------

REFERÊNCIAS	74
--------------------------	-----------

SEÇÃO 1

Memorial Acadêmico

Meu nome é Taísa Resende de Moraes Vieira, Pedagoga, especialista em Educação Inclusiva, servidora pública, atualmente estou na Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação do Instituto Federal do Tocantins e em minha jornada acadêmica e profissional o anseio de ser admitida como aluna regular do Mestrado em Educação na UFT (Universidade Federal do Tocantins). No primeiro semestre de 2021, tive a alegria de concretizar esse objetivo ao ser aceito no programa de Mestrado em Educação.

Durante o mestrado, tive a oportunidade de cursar diversas disciplinas relevantes para minha formação. No rol de disciplinas incluem estas: Tópicos Especiais - Pesquisa em Educação: Perspectiva Histórica e Crítico-Dialética. Práticas de Pesquisa Aplicada Interdisciplinar, ministrada pelos renomados professores Dr. Eduardo Cezari e Dra. Denise Capuzzo.

Disciplina de Gerontologia, sob a ministração da Dra. Neila Ozorio. Fundamentos da Pedagogia Freiriana, ministrado pelos professores Dr. José Carlos da Silva Freire e Dr. Adriano Batista Castorino. Tópicos Especiais: Metodologia da Leitura e Escrita de Textos Científicos, com as professoras Dra. Marluce Evangelista Carvalho Zacariotti e Dra. Juliana Gobbi Betti.

Durante o mestrado, tive o privilégio de ser orientada pela professora Dra. Marluce Evangelista Carvalho Zacariotti, cujo apoio e orientação foram fundamentais para o desenvolvimento da minha pesquisa.

Além das disciplinas do programa de mestrado, também realizei leituras complementares que alicerçaram minha compreensão dos temas abordados em sala de aula e enriqueceram minha pesquisa.

No decorrer das disciplinas e leituras surgiu a necessidade de estudar idosos devido a um interesse pessoal em ajudar essa população, aprender com suas experiências e contribuir para um enriquecimento da qualidade de vida na terceira idade.

Durante a caminhada no mestrado, adquiri conhecimentos sólidos na área de educação, desenvolvi habilidades de pesquisa e aprofundei meu entendimento sobre a importância da pedagogia freiriana e a metodologia de leitura e escrita de textos científicos que contribuiriam para as pesquisas e compreensão.

Esse período de estudos foi uma etapa essencial em minha trajetória acadêmica e profissional, pois ampliou minha visão de mundo e iniciou um preparo para enfrentar

desafios na área de educação. A busca pelo conhecimento é constante, e agora, com o mestrado concluído, estou motivada a seguir adiante, contribuindo para a melhoria da educação e da sociedade como um todo.

É uma perspectiva muito valiosa reconhecer que não estamos prontos ou acabados, mas que temos um ponto de partida. Na verdade, essa mentalidade é fundamental para o crescimento pessoal e profissional contínuo. Alguns pontos a serem considerados sobre essa afirmação é compreender o autodesenvolvimento, aceitando que não estamos prontos e que estamos abertos ao aprendizado e ao autodesenvolvimento. O conhecimento e as habilidades estão em constante evolução, e estar disposto a aprender e crescer nos permite adaptar a novas situações e desafios.

Assim também como esta caminhada despertou a resiliência onde pude reconhecer que não estamos acabados nos permite ser mais resilientes diante das adversidades. Entender que faz parte do processo enfrentar desafios e que estamos em constante evolução nos ajuda a superar os obstáculos com mais determinação. Um dos passos de tamanho significado nos ajuda a ser humildes em relação ao que já sabemos. Não importa o quanto já aprendemos, sempre haverá mais a aprender e descobrir. A humildade nos permite estar abertos a diferentes pontos de vista e aprender com os outros.

Lembrar que não estamos prontos ou acabados, mas que temos um ponto de partida, é um lembrete valioso para abraçar a jornada da vida com curiosidade, crescimento e confiança em nosso potencial de evoluir constantemente. Cada passo que damos, cada aprendizado que adquirimos, nos aproxima cada vez mais de nos tornarmos a melhor versão de nós mesmos.

Uma parte maravilhosa foi contar com a professora Dra. Marluce Evangelista Carvalho Zacariotti que desempenhou um papel importante na minha caminhada acadêmica e orientou durante o mestrado. Professores dedicados e experientes como ela fazem uma grande diferença na vida dos alunos, fornecendo orientação, apoio e compartilhando seu conhecimento e experiência.

A orientação de minha mentora acadêmica foi transformadora, pois não apenas ajudou na realização dos objetivos acadêmicos, mas também inspirou e motivou a alcançar potencial e saber que ainda podemos fazer melhor. Além disso, ter uma orientadora competente como a Dra. Marluce Evangelista Carvalho Zacariotti proporcionou *insights* valiosos, aprimorou minhas habilidades de pesquisa e ofereceu perspectivas inovadoras sobre os temas estudados.

A minha orientadora acadêmica desempenhou um papel crucial no meu

crescimento pessoal e profissional, e é encorajador este registro de experiência tão positiva em minha jornada acadêmica. Continuo sendo inspirada a continuar aprendendo, a buscar o conhecimento e a contribuir positivamente para a sociedade através do trabalho e pesquisa na área de educação.

Aproveitarei esse conhecimento adquirido e a experiência proporcionada pela Dra. Marluce Evangelista Carvalho Zacariotti para continuar crescendo e me destacando na carreira acadêmica e profissional. O ciclo de aprendizado e orientação é uma parte essencial da construção de uma comunidade acadêmica forte e bem-sucedida.

Introdução

O processo de envelhecimento é um contínuo e gradual conjunto de transformações naturais que se iniciam na fase adulta. À medida que a idade adulta chega ao seu final, muitas funções corporais passam a declinar de forma progressiva.

Não existe uma idade específica em que as pessoas se tornam idosas ou entram na terceira idade. Tradicionalmente, a marca dos 65 anos foi estabelecida como o início da velhice, mas essa definição foi determinada mais por razões históricas do que biológicas, afirma Stefanacci (2022). Há muitos anos, a idade de 65 anos foi adotada como a idade de aposentadoria na Alemanha, sendo o primeiro país a implementar um programa de previdência. Em 1965, nos Estados Unidos, a idade de 65 anos foi estabelecida como o momento em que as pessoas se tornaram elegíveis para o Medicare, o programa de assistência médica. Essa idade se aproxima do ponto em que a maioria das pessoas em sociedades economicamente desenvolvidas se aposenta (Stefanacci, 2022).

Em consonância, é considerada idosa, pela Organização das Nações Unidas (ONU), a pessoa com idade igual ou superior a 65 anos, em países desenvolvidos e 60 anos em países em desenvolvimento. O Brasil, por ser considerado um país em desenvolvimento, tem como idosos pessoas a partir dos 60 anos de idade, como indica (Alves, 2017).

Abrantes (2007), aponta que o ser humano começa a envelhecer a partir do momento em que nasce, e apenas termina o processo do envelhecimento com a chegada da morte, portanto, esse processo dura a vida inteira, apesar de ter uma idade específica para o ser humano ser considerado idoso. A forma e o ritmo de envelhecer variam de pessoa para pessoa, como ressalta Abrantes (2007):

O envelhecimento ocorre em ritmo constante, porém difere entre as pessoas. Por isso, a idade cronológica é inadequada para avaliar a habilidade funcional. Algumas das mudanças fisiológicas associadas ao envelhecimento são praticamente indistinguíveis dos sinais clínicos de deficiências nutricionais ou daqueles causados por doenças crônicas (ABRANTES, 2007, p. 112).

De acordo com Silva (2021), o Brasil enfrenta um cenário em que mais de 14% de sua população é idosa, refletindo o contínuo aumento da velhice no país.

O envelhecimento populacional é um fenômeno global com implicações sociais e econômicas significativas, especialmente em nações em desenvolvimento. Dados recentes do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) revelam um aumento de 8,5 milhões no número de idosos nos últimos anos. Em 2007, a população idosa era de 17 milhões, e as projeções indicam que esse número dobrará até 2027, chegando a 37 milhões (Silva, 2021, p. 1).

De maneira lógica, pode-se concluir que o aumento do número de idosos vem do fato de a expectativa de vida do ser humano crescer. “Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), além do aumento do número de idosos, a expectativa de vida também tem aumentado significativamente em todo o mundo” (ALVES, 2017, p. 1).

O mundo entrou na era da sociedade envelhecida, pois, entre 2015 e 2030, a população com mais de 60 anos de idade será mais de 56% da população (OMS, 2010). A ONU, classificou-os adultos idosos em três níveis, sendo que no primeiro, a sociedade do envelhecimento é definida como a sociedade em que a proporção de pessoas com mais de 60 anos de idade representa mais de 10% da população do país, ou aqueles com 65 anos de idade representam mais de 7% da população do país. O país seria, então, definido como uma sociedade envelhecida. No segundo, a sociedade envelhecida é definida como a sociedade em que a proporção de pessoas com mais de 60 anos representa mais de 20%, ou as que têm 65 anos representam mais de 14% da população do país, e por fim, a sociedade da super idade é definida como a sociedade em que a proporção de pessoas com mais de 65 anos de idade representa mais de 20% da população do país (GUIMARÃES, 2022).

Segundo Heck (2022) a população mundial vem envelhecendo, causando um aumento na proporção de idosos em diversos países, como por exemplo, no Japão, que em 2015 tinha o maior número de adultos mais velhos do mundo. A proporção era de 33% da população. Seguido pela Alemanha e a Itália com uma proporção de 28%, e a Finlândia com uma proporção de 27%. O Brasil, em 2022, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), tem 14,7% de idosos, esse percentual teve um aumento de 7,6% em relação a 2012, o que indica que a população do país está mais velha. Assim, pode-se dizer, que muitos países estão se tornando sociedades envelhecidas.

Tendo em vista este envelhecimento anunciado, é preciso que haja políticas próprias para este segmento social. Sobretudo, é fundamental a mudança de paradigma do nosso próprio entendimento do que é a velhice e dos limites que social e culturalmente se colocam aos idosos. Principalmente porque o ser velho hoje, no século XXI é bem diferente do que foi ser velho no passado. A sociedade evoluiu, a medicina avançou e as pessoas passaram a viver mais e melhor (ANDERSON; PERRIN, 2017).

Como se estabelece a estrutura social quando um país se torna uma sociedade envelhecida, tornou-se uma questão que o mundo está acompanhando de perto com grande interesse. Isto porque tem um impacto considerável, em escala relevante, não apenas em nível macro, como é o caso do Produto Interno Bruto (PIB), que diminuiria, tendo um impacto sobre a renda *per capita* da população, o mercado de produtos e serviços, a poupança e os investimentos. Eventualmente, teria um impacto em nível micro, em termos de finanças, estilo

de vida e saúde dos idosos. Estas são questões que todas as autoridades precisam tomar consciência e tomar medidas necessárias para reunir os recursos e habilidades interdisciplinares próprias para lidar com as mudanças (VROMAN et al., 2015).

Esse quadro apresentado sobre a importância de observar o idoso em múltiplas perspectivas, encontra ressonância numa vertente das relações sociais, das interações e qualidade de vida das pessoas idosas. Ou seja, como garantir maior autonomia, respeito e espaço decisório aos idosos, especialmente numa sociedade que, infelizmente, não os valoriza como deveria? Na mesma direção, importa, para nós, a perspectiva da cidadania das pessoas idosas. Que caminhos podem ser trilhados para assegurar os direitos e a capacidade de participação social dessa grande parcela da população?

Nesse sentido, elencou-se, a discussão sobre a alfabetização midiática ou educação para a comunicação, como um processo fundamental para o alcance desse objetivo de inclusão dos idosos, principalmente como sujeitos capazes de se informar bem, de ver o mundo de forma ampliada, de modo a ser um cidadão mais ativo e participante na sociedade.

A alfabetização, sob o enfoque da mídia, se originou com o avanço da tecnologia de mídia. As diversas mídias nas plataformas digitais entraram na era da convergência, rompendo com modelos existentes e consolidados. O avanço da tecnologia de mídia permite que pessoas em todos os cantos do mundo tenham acesso à informação. De certa forma, não se pode negar que estes avanços tecnológicos capacitam os receptores.

Tradicionalmente, as grandes organizações de mídia têm um volumoso financiamento sob a gestão de poucos indivíduos, que detêm a propriedade da mídia. O que é um dos fatores que influenciam aspectos econômicos no arcabouço do capitalismo.

O termo alfabetização mudou com base no desenvolvimento da mídia de massa para *online*. No campo acadêmico, a alfabetização de mídia tem sido amplamente utilizada em países como a União Europeia, EUA e Japão (Porntip.Yenjabok, 2009). Em 1992, na Conferência Nacional de Liderança em competência crítica/capacidades da Mídia, organizada por educadores, foi cunhada a definição de competência crítica/capacidades da mídia. Ela foi definida como a capacidade dos indivíduos de acessar, analisar, avaliar e comunicar conteúdos catequéticos de várias formas. Os indivíduos alfabetizados sobre a mídia têm a capacidade de decodificar, avaliar, analisar e criar mídia na forma impressa e eletrônica (Koffermann, 2023).

Quando o mundo entrou na Era Digital, os adultos com idades superior a 55 anos, que não nasceram nativos digitais, precisaram se adaptar ou migrar para a era digital. Este grupo de pessoas, que não nasceram nativos digitais, são chamados de imigrantes digitais ou pessoas com falta de familiaridade com a tecnologia digital. Os adultos idosos com mais de 65 anos de

idade, provavelmente, usam com grande dificuldade a tecnologia, exatamente por não terem tido experiências anteriores com o computador, redes sociais etc., no entanto, estudos como o de Sonia Livingstone (2022), indicam que há, cada vez mais, adultos usando mais tecnologia de comunicação e acessando a Internet. Os autores supracitados indicaram que mais da metade dos adultos mais velhos, com mais de 65 anos de idade, utilizavam a Internet. Nos 27 países-membros da União Europeia havia 17% de adultos mais velhos com idade entre 65 e 74 anos, que em algum momento usaram a Internet. Em 2012, descobriu-se também que havia 34% dos adultos com idades superiores a 55 anos que utilizam mídias sociais. As estatísticas indicavam que a probabilidade de 18% dos adultos faziam *login* na Internet regularmente.

Com base em uma delimitação geracional, conforme evidenciado por um estudo conduzido pelo Fórum Econômico Mundial em 2019, observa-se que a adoção de plataformas de redes sociais é particularmente significativa entre os membros da Geração Z. Esta geração, composta por indivíduos nascidos após 1995, são notavelmente influenciadas pelos elementos culturais característicos da década de 2000. Constatou-se que, em média, esse grupo dedica 2 horas e 55 minutos diários à interação em redes sociais, contrastando com as 2 horas e 38 minutos investidos pelos *millennials*, pertencentes à faixa etária entre 1981 e 1996. (*twist. Systems*, 2020).

Se em 2016 o IBGE divulgou que 64.7% da população brasileira estava conectada à Internet, os dados relativos à 2019, como também divulgados pela *Hootsuite*, já mostram um aumento considerável, com a marca de 71% tendo sido atingida. 64% deste grupo usa alguma rede social.

O grupo de usuários mais expressivo na rede é composto por aqueles que têm entre 25 e 34 anos de idade, representando 32% de seu total. O resto se divide da seguinte forma:

- 6% têm entre 13 e 17 anos de idade;
- 27%, entre 18 e 24;
- 16%, entre 35 e 44;
- 10%, entre 45 e 54;
- 6%, entre 55 e 64;
- 4%, acima de 65 anos (*twist. Systems*, 2020).

As ferramentas de comunicação são fundamentais para o conhecimento e a compreensão de como acessar e usar a informação. Os adultos mais velhos precisam ser capazes de avaliar as notícias, de identificar informações verdadeiras e falsas. Buckingham et al. (2005) e Livingstone e Helsper (2007), explicaram que a educação é importante para a capacidade de ter pensamento crítico, o que leva à alfabetização da mídia. Portanto, se faz necessário examinar como adultos com mais idades tendo diferentes níveis de formação educacional poderiam ter diferentes níveis de alfabetização sobre a mídia.

É nesse contexto que pensamos em discutir neste trabalho sobre a educação midiática, tendo como sujeitos de pesquisa idosos e como objeto a Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT). O objetivo do estudo é traçar o perfil midiático de consumo de informações dos idosos que compõem a Universidade da Maturidade (UMA) - Campus Palmas para compreender a relação deles com as informações e, assim, propor um caderno digital como material metodológico/didático para a alfabetização midiática de pessoas idosas. Desta forma, desenvolvemos uma pesquisa aplicada, de caráter qualitativo, tendo como técnicas de levantamento de dados pesquisa documental, bibliográfica e questionário.

Aposta-se que o caderno digital, enquanto produto educacional, dialogue com o objeto de investigação da pesquisa ao propor e incentivar a utilização de um recurso metodológico no formato digital, possibilitando seu acesso, por meio de dispositivos móveis ou computadores. Segundo Torres (2015), a elaboração de cadernos/cartilhas, quando contextualizados e com objetivos concretos, estimula a capacidade de interação e informação social.

Cabe ressaltar que, ao propor as ideias iniciais desta pesquisa, encaminhou-se um projeto para o Comitê de Ética da Universidade Federal do Tocantins, através da plataforma Brasil. Ainda sobre os aspectos éticos, elaborou-se um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os sujeitos participantes, como também, um termo de autorização para a instituição. Esses documentos asseguram a integridade da pesquisa e dos colaboradores.

Problema de pesquisa

O problema da pesquisa emerge a partir da seguinte questão: qual o perfil midiático de consumo de informações dos idosos que compõem a Universidade da Maturidade (UMA) - Campus Palmas? Tal indagação desdobra-se em outras, que nortearam nossas inferências e interpretações de pesquisa, tais como: através de quais plataformas esses idosos consomem estas informações? O que estes idosos fazem com estas informações? Quais ações podem ser tomadas para que estes idosos aprendam a se informar de forma mais crítica e consciente?

Tradicionalmente, a alfabetização midiática tem sido associada à análise crítica de notícias, publicidade e entretenimento de mídia de massa (HOBBS, 2010). Relativa à necessidade e alfabetização das pessoas idosas vinculada aos meios de comunicação, a importância da alfabetização tem sido sublinhada porque as pessoas idosas são um importante grupo de consumidores potenciais de diferentes tecnologias, informações e serviços de saúde (Jin et al., 2019). A alfabetização midiática é concebida como uma competência central para

cidadãos de todas as idades que vivem nas sociedades midiáticas e digitalizadas (ABAD ALCALÁ, 2019).

Como explica KOLTAY, 2011, a literatura acadêmica identifica as seguintes três áreas-chaves para as quais a alfabetização midiática contribui: (a) democracia, participação e cidadania ativa; (b) escolha, competitividade e economia do conhecimento; e (c) aprendizagem ao longo da vida, expressão cultural e realização pessoal. Dessas áreas, competitividade e sociedade do conhecimento está mais claramente ligada à economia de mercado e ao mercado de trabalho. No contexto do uso e das atitudes das pessoas idosas em relação à mídia digital, as pessoas idosas são comumente definidas como tendo 65 anos ou mais (KOLTAY, 2011, p. 3-7).

A hipótese desta pesquisa é que os idosos podem ser mais suscetíveis à desinformação e devido a fatores como menor familiaridade com tecnologia digital, menor capacidade de discernimento ou confiança excessiva em fontes de informação online. Essa vulnerabilidade pode ser explorada por meio de manipulação por parte das mídias digitais. Essa linha de pesquisa é relevante, pois destaca a importância de educar e capacitar os idosos para navegar de forma crítica no ambiente digital e discernir informações confiáveis das falsas.

Objetivos

Objetivo Geral

Assim, o objetivo do presente trabalho é o de traçar o perfil midiático de consumo de informações dos idosos que compõem a Universidade da Maturidade (UMA) - câmpus Palmas para propor um caderno digital como material metodológico/didático com fins à alfabetização midiática de pessoas idosas.

Objetivos Específicos:

- Levantar dados sobre o consumo de notícias pelos idosos da UMA, identificando como se informam e como interagem com a informação.
- Discutir a educação para a mídia e suas implicações práticas para a afirmação da cidadania e da democracia.
- Identificar abordagens metodológicas/pedagógicas usadas para promover a alfabetização sobre a mídia;
- Produzir material didático com proposta de passos metodológicos (caderno

digital) para a alfabetização midiática dos idosos da UMA.

Justificativa

Justifica-se o desenvolvimento deste estudo, pela observação de que os idosos são sujeitos ativos na sociedade que devem ter qualidade de informação, são capazes de ler notícias, de discernir o que é *fake news*, capazes de entender como a notícia se processa e aprender que não se deve confiar em informações que não têm fontes, a fim de garantir maior capacidade de se posicionar na sociedade e evitar serem manipulados para qualquer fim. Ou seja, a proposta vai ao encontro da perspectiva de contribuir para garantir a cidadania de fato aos idosos.

Assim, no primeiro capítulo são apresentados a educação midiática e suas implicações sociais, a importante contribuição para a formação de cidadãos conscientes e críticos em uma sociedade cada vez mais conectada. Abordou-se também as implicações sociais das mensagens midiáticas e sua relação com a desinformação e a polarização política.

O segundo capítulo explorou as abordagens metodológicas e pedagógicas para alfabetização sobre a mídia, incluindo a análise da mídia, os modos de produção de informações e notícias e a utilização de tecnologias digitais nesse processo. Também discutimos a importância do respeito à diversidade e da inclusão midiática.

O terceiro capítulo promove a abordagem das novas perspectivas de interações sociais para os idosos, que, cada vez mais, se conectam com a internet e as redes sociais.

No capítulo 4 são expostos a metodologia, resultados e discussões da pesquisa.

Logo após, são apresentadas as considerações do estudo e, na seção II, o produto intitulado: **Nas Ondas da Sabedoria Digital: Um Caderno de Educação Midiática de idosos**. Este produto se relaciona com o objeto de estudo à medida que se propõe a responder questões levantadas na situação-problema.

Espera-se que este estudo possa contribuir com o meio acadêmico e, ao propor soluções para um problema levantado, no caso, o caderno metodológico de alfabetização sobre/para a mídia, proporcionar à UMA e seus alunos possibilidades de garantir maior autonomia dos idosos diante das informações às quais têm acesso, de modo a se tornarem cada vez mais ativos socialmente e respeitados como cidadãos. Tal proposta pode, ainda, ser replicada em outros espaços e incorporada por secretarias de educação, de bem-estar social, entre outras possibilidades.

1 EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS

Axford, Harders e Wise (2009, p. 25) revisaram a literatura a respeito do desenvolvimento do termo alfabetização. Hoje em dia, a alfabetização tem mais significado do

que apenas ser capaz de ler ou escrever. Segundo explicam, o termo alfabetização evoluiu ao longo do tempo da seguinte forma:

- Era 1 Alfabetização Retórica: a partir da fala e da audição
- Era 2 Alfabetização Impressa: a partir da leitura e da escrita
- Era 3. Alfabetização Visual: a partir do desenho de imagens, interpretação e criação de obras
- Era 4 Alfabetização da Informação: a partir do acesso à informação, busca de informação, Avaliação e uso da informação
- Era 5 Alfabetização da Mídia: alfabetização a partir da análise de mensagens da mídia e criação de conteúdo usando ferramentas tecnológicas
- Era 6 Alfabetização Crítica: a tecnologia efetivamente
- Era 7 Alfabetização de notícias e eventos que ocorreram
- Era 8 Alfabetização Digital: através da compreensão e uso da informática por meio da compreensão e avaliação da alfabetização de notícias imbuída de responsabilidade social no uso da Internet e da mídia social on-line.

As expressões "alfabetização digital" e "letramento digital" são frequentemente usadas como sinônimos, derivados do termo inglês "alfabetização digital". A competência crítica/capacidades digital está relacionada com as competências mobilizadas para utilizar as TIC na vida cotidiana. A alfabetização digital envolve o domínio da tecnologia digital de uma forma que não seja tão mecanizada a ponto de simplesmente apertar um botão. Para Buzato (2003), o letramento digital é definido como um conjunto de conhecimentos e práticas escritas mediadas por computadores e outros dispositivos eletrônicos, não apenas o conhecimento técnico do uso de teclados, interfaces gráficas e programas de computador, incluindo a capacidade de dar sentido ao texto multimodal. Inclui a capacidade de localizar, filtrar e avaliar criticamente as informações disponíveis eletronicamente. A inclusão social digital pode ser alcançada por meio da prática social usando computadores para desenvolver progressivamente habilidades que facilitem o conhecimento chave e o conhecimento funcional do uso de tecnologia e computadores. “Ser alfabetizado digitalmente significa aprender outro idioma, e identificar quem é alfabetizado digitalmente está se tornando cada vez mais difícil e complexo (BUZATO, 2003)”.

O letramento digital é um conjunto complexo de valores, práticas e habilidades sociais e culturais que operam linguisticamente em ambiente eletrônico, incluindo, leitura e escrita para fala e comunicação, bem como produtos e práticas de linguagem e comunicação social. Gilster (1997), argumentou que as ferramentas digitais têm a ver com ideias, não com comandos

memorizados. Gilster, ainda recomenda o letramento digital para proficiência em quatro habilidades essenciais: a mais importante é a avaliação crítica do conteúdo; a segunda habilidade envolve modelos não lineares ou hipertextuais de leitura e produção; a terceira relaciona informações de diferentes fontes. Levante-se, acumule conhecimentos sobre a Internet e, finalmente, busque habilidades para lidar com a chamada "biblioteca virtual", recomenda o autor.

Lankshear e Knobel (2005, p. 77) criticam a alfabetização digital, não como um conjunto idealizado de competências e habilidades específicas, únicas e mensuráveis, mas, como um conceito pluralista de 'alfabetização digital' que constitui as diferentes formas de prática social que emergem, desenvolvem, transformam em novas práticas e, em alguns casos, desaparecem para serem substituídas por outras práticas. Sousa (2007, p. 35), define a competência crítica/ capacidades digital como a capacidade de um indivíduo compreender e utilizar, de forma crítica e estratégica, a informação em múltiplos formatos, proveniente de diversas fontes e apresentada através da Internet dos computadores, para atingir os seus objetivos, muitas vezes social e culturalmente compartilhados.

Segundo Lopes (2014), a problematização conceitual, os referenciais teóricos e a conscientização da necessidade de desenvolver ações específicas para a educação midiática, têm sido abordados por diferentes instituições e organismos internacionais há cerca de meio século. Vários autores escolheram a Declaração de Grunwald¹ como um ponto de partida para a alfabetização midiática. O evento, que reuniu pesquisadores, educadores e comunicadores de 19 países, em 1982, foi promovido pela UNESCO e aprovado após conferência na cidade alemã de mesmo nome. O documento discute a onipresença da mídia no cotidiano das pessoas e apela para uma maior simpatia pela mídia, abraçando sua significativa influência e disseminação em todo o mundo, ao mesmo tempo em que se manifesta contra a condenação do uso massivo desses dispositivos. O mundo como fato consumado, exige, então, uma avaliação de sua relevância como fator cultural atual (AGUADED GÓMEZ *et al.*, 2011; PEREZ TORNERO, 2007; PEREIRA; PINTO; MOURA, 2015).

O documento prossegue afirmando que, conscientes da importância dos meios de comunicação no processo de desenvolvimento e do papel do indivíduo como veículo de participação ativa na sociedade, cabe aos sistemas educativos e políticos reconhecerem a sua obrigação na promoção da crítica compreensão e comunicação entre os cidadãos. O manifesto afirma que a falta de iniciativas formais e não formais de educação para a mídia cria um

1

distanciamento entre a formação educacional recebida e a realidade em que os indivíduos estão expostos. Segundo o documento, em um mundo dominado por palavras, imagens e sons, o papel da família é importante para ajudar os jovens a decifram esses três esquemas simbólicos. Dessa forma, pais, professores, comunicadores e formuladores de políticas serão responsáveis por promover a educação para a mídia e a integração entre os sistemas de educação e comunicação (UNESCO, 1982, s/p).

O debate em Grünwald continuou em conferências subsequentes facilitadas pela UNESCO, como em Toulouse em 1990, que desenvolveu uma sistematização e definição mais precisa do campo; e em Viena em 1999, em que os participantes orientaram a análise da educação para a mídia no ambiente digital emergente. A conferência de Sevilha de 2002 destacou a necessidade de ação por meio de políticas de promoção ativas em quatro áreas: 1) pesquisa; 2) treinamento; 3) escolas, mídia, cooperação entre ONGs, empresas privadas e instituições públicas; 4) consolidação e promoção do social em esfera pública e sua relação com a mídia (PERÉZ TORNERO, 2007).

A Agenda de Paris da UNESCO, para o tema em questão, foi implementada em 2007, e emitiu recomendações à educação para a mídia, incluindo o desenvolvimento de programas de educação para a mídia em todos os níveis, treinamento de professores, pesquisa e cooperação internacional (AGUADED et al., 2011). Tal como a UNESCO, a União Europeia também tem feito um esforço para conduzir a investigação sobre competência crítica/ capacidades midiáticas através de diretivas e inquéritos aprofundados. A Diretiva 2007/65/CE do Parlamento Europeu e do Conselho define “a educação para a mídia como um processo que visa desenvolver as habilidades, conhecimento e compreensão para permitir que os consumidores usem a mídia de forma eficaz e segura”. A diretiva acrescentou ainda que os educandos, ou seja, os cidadãos com maiores taxas de competência crítica/capacidades, podem fazer escolhas informadas, compreender a natureza dos conteúdos e serviços e aproveitar as oportunidades oferecidas pelas novas tecnologias. Proteger a si e à sua família de materiais nocivos ou ofensivos (PEREIRA; PINTO; MOURA, 2015).

Dois anos depois, em 2009, a Comissão Europeia voltou a abordar a educação para as mídias através da Recomendação 2009/625/CE e definiu a competência crítica/capacidades midiática como a capacidade de interagir com as mídias, compreender e avaliar criticamente diferentes aspectos da mídia e do seu conteúdo, em diferentes contextos de comunicação. (PEREIRA; PINTO MOURA, 2015).

Ferrés e Piscitelli (2012) utilizam a noção de dimensões, entendidas como cada magnitude utilizada para definir um conjunto de fenômenos para enumerar, dentro de um

fenômeno comunicacional, os diferentes elementos constitutivos a serem considerados na análise da competência crítica/ capacidades midiática. Os autores identificam seis dimensões fundamentais relevantes para integrar os domínios de conhecimento, habilidades e atitude da alfabetização midiática: Linguagem, Tecnologia, Processos de interação, Processos de Produção e Difusão, Ideologia, Valores e Estética. Essas dimensões são percebidas por meio de duas esferas de engajamento pessoal: a esfera analítica, quando recebe mensagens e interage com elas, e a esfera expressiva, quando as produz (FERRÉS; PISCITELLI, 2012).

Uma abordagem menos extensa de outra dimensão da alfabetização midiática pode ser encontrada no trabalho de autores como Buckingham (2005) e Livingstone (2003). Embora existam algumas diferenças entre eles. Começando pelo número de dimensões – 4 para Livingstone e 3 para Buckingham, ambas as propostas destacam a capacidade de aceder, processar/compreender/analisar e criar conteúdo informacional em um ambiente de comunicação midiática. As duas propostas elegeram o acesso como dimensão primária. Especialmente, o acesso físico ao dispositivo, em uma configuração em que os indivíduos podem usá-lo sem restrições, e a capacidade de manipular a tecnologia (e o *software* a ela associado) para encontrar o conteúdo ou informação desejada (Buckingham, 2005).

A segunda dimensão apontada por Bukhingham (2005), é a compreensão que se refere ao que o usuário faz, após visitar/localizar o conteúdo. Esta dimensão inclui a capacidade individual de avaliar criticamente (Bukhingham, 2005), a percepção e a análise de programas representativos, motivos comerciais e outros interesses predominantes nas mensagens divulgadas pelas mídias. O domínio denominado por Buckingham como compreensão é dividido em duas dimensões nos escritos de Livingstone: análise e avaliação.

Por meio da análise, os pesquisadores aprendem sobre a capacidade de analisar textos simbólicos, independentemente do meio em que estão inseridos. Ela argumenta que tradicionalmente fomos educados para decifrar textos escritos, um legado da tradição impressa de longa data em nossa sociedade. O advento dos meios audiovisuais e da internet obriga os usuários a decodificar textos mais complexos, entender a função dos meios e questionar a mensagem que eles transmitem, em vez de apenas se expor a eles, pois o dispositivo é a janela para o mundo através da qual a realidade é vista pelo que é (LIVINGSTONE, 2003).

Para falar sobre as dimensões complexas da avaliação, Livingstone fornece brevemente um tour histórico de como os teóricos do século 20 debateram a avaliação crítica. Eles voltaram sua atenção para os meios de comunicação de massa, realizando pesquisas nesse campo, ora com viés paternalista e discriminatório ora com pretensão democratizante, contra o elitismo. O autor argumenta que esse conflito ainda permeia as discussões contemporâneas, prejudicando

a educação para a mídia, ao focar o debate em questões de qualidade cultural (LIVINGSTONE, 2003).

O ambiente digital da Internet mudou isso ao oferecer aos usuários a possibilidade de geração de conteúdo, o que aumenta o fluxo de informações/conteúdos em proporções inéditas, livre da lógica de concentração de emissão característica dos meios de comunicação de massa. O autor acima argumenta que, neste ambiente digital, a avaliação deve se concentrar não em responder a perguntas, mas em respostas desafiadoras.

Livingstone (2003) argumenta que a Internet não deve ser vista como uma fonte de respostas corretas, mas como um espaço para questionar, refletir e qualificar, o que à primeira vista se dá por certo, a partir da compreensão das funções da Internet, incluindo seu escopo de negócios e credibilidade das fontes.

A criação não se limita à ideia tradicional de postar, produzir conteúdo e publicá-lo, mas também se relaciona com a dinâmica de interação em que os indivíduos produzem conteúdo conectando-se com outros na internet, como na participação em conversas *online* e jogos de exemplo (LIVINGSTONE, 2003).

Como muitos desses atos criativos exigem um conjunto de habilidades relacionadas a *design*, técnicas de processamento, esquemas representacionais e conscientização do público, a hipótese de que o ato de produzir conteúdo em mídia digital torna os indivíduos mais críticos e aumenta seus níveis de alfabetização não foi substanciada (Buckingham, 2005). O mesmo entendimento é compartilhado por Livingstone (2003), que resume essa hipótese lembrando o argumento pedagógico de que as pessoas aprendem melhor sobre a mídia fazendo-a.

A Comissão Europeia no ano de 2009 analisou os critérios de avaliação dos níveis de competência crítica/capacidades midiática buscando delinear um modelo analítico capaz de avaliar as competências midiática, definida no documento, como a capacidade dos indivíduos para ser autônomo e crítico, explicar claramente o fluxo, substância, valor e importância de todas as formas de mídia (PEREIRA; PINTO; MOURA, 2015). A pesquisa sugere que há duas dimensões da alfabetização midiática: habilidades pessoais e fatores contextuais.

A primeira dimensão é subdividida em competências pessoais, formadas por uso (interação entre usabilidade e operabilidade) e compreensão crítica (evocando habilidades cognitivas para avaliar aspectos da mídia), e competências sociais (composta por habilidades de comunicação, incluindo aspectos como criação de conteúdo, relações sociais e engajamento).

A segunda dimensão refere-se a fatores contextuais e inclui cinco dimensões: educação para a mídia, política de alfabetização midiática, indústria da mídia, sociedade civil e disponibilidade da mídia. Essas duas dimensões e seus respectivos elementos constitutivos

estão organizados em uma estrutura piramidal, com os fatores contextuais formando a base, as competências pessoais formando o estágio acima da base, as competências sociais aparecendo no topo e a alfabetização midiática sendo o resultado de um processo dinâmico entre as duas bases, passando pela camada intermédia até chegar ao topo (PEREIRA; PINTO; MOURA, 2015).

Um estudo de acompanhamento de 2011 do Instituto Técnico Dinamarquês e da Associação Europeia de Interesses dos Telespectadores avaliou a validade teórica e aplicada da conceituação do estudo de 2009 sobre alfabetização midiática. As dimensões são mais fluidas, dinâmicas e interconectadas, portanto o modelo não pode ser usado como a única forma de construir e avaliar a alfabetização midiática. O estudo propõe, assim, um esquema de quatro dimensões não ordenadas (ao contrário de pesquisas anteriores) que compõem o campo da alfabetização midiática: contexto, país, onde o indivíduo está inserido; acesso a dispositivos tecnológicos, incluindo sua disponibilidade e uso; a compreensão textual crítica, composta pela consciência e avaliação contextual, refere-se à capacidade de decodificar, classificar e julgar o conteúdo e o contexto; por fim, a comunicação inclui a criação, participação e interação do usuário e está relacionada ao aprimoramento da cidadania.

Os investigadores Simone Petrella, Sara Pereira e Manuel Pinto (2012) propõem outro leque de dimensões a considerar na investigação sobre competência crítica/capacidades midiática: 1) a expressão criativa, relacionada com a utilização dos novos mídia para expressar ideias e representações concretas do conhecimento; 2) experimentação, que se refere à possibilidade de experimentar o mundo que nos rodeia através da manipulação de dados e informações midiáticas, como forma de resolução de problemas (Jenkins et al., 2010); 3) uma abordagem multicultural baseada nas possibilidades permitidas pelos novos mídia de trocar e compartilhar experiências entre grupos e comunidades muito diferentes (Jenkins et al., 2010), inclusive fornecendo as ferramentas necessárias para promover sensibilidade e reconhecimento crítico, compreensão e respeito pela diversidade cultural.

Os autores ainda lembram que devem ser considerados: a capacidade de buscar e compartilhar informações e confrontar opiniões dentro da própria rede de relacionamentos; reflexividade, que define a capacidade de refletir sobre a tecnologia em termos políticos, econômicos e socioculturais; pensamento crítico, que se refere à capacidade crítica e avaliar a credibilidade do conteúdo midiático e de cada fonte e a capacidade de decodificar diferentes tipos de linguagem e códigos e, por fim, responsabilidade social e engajamento, que para os autores, é o objetivo final da alfabetização midiática e o último que engloba todas as outras competências. Tratar-se-á de motivar e formar cidadãos para a participação na vida pública e

para o exercício de uma cidadania ativa, crítica e responsável (PETRELLA; PEREIRA; PINTO, 2012).

Para implementar a alfabetização midiática, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) desenvolveram três materiais regulamentares:

1. Estrutura de avaliação global da alfabetização midiática e informacional: implantações e capacidades nos países (UNESCO, 2013).
2. Alfabetização midiática e informacional: um curso de formação de professores (WILSON et al., 2013).
3. Alfabetização midiática e informacional: diretrizes para o desenvolvimento de políticas e estratégias (GRIZZLE et al., 2016).

Wilson et al. (2013) vêem a alfabetização midiática como a unificação de dois campos, alfabetização midiática e alfabetização informacional. Embora faça a distinção entre as duas habilidades de alfabetização, ele enfatizou a importância de trabalhar em conjunto para o desenvolvimento social. O debate teórico sobre alfabetização segundo Wilson et al. (2013), visa estabelecer a dominância entre eles. Reconhecendo as diferenças entre esses termos, eles optaram por usar a alfabetização midiática para regular seu uso: a UNESCO usa a expressão alfabetização midiática para harmonizar os diferentes conceitos de acordo com suas plataformas convergentes de uso. (WILSON et al., 2013).

No Brasil, as discussões sobre ciência da informação ainda giram em torno de termos entre letramento, competência crítica/ capacidades ou letramento informacional (GASQUE, 2010). Embora não haja consenso sobre a definição de seu termo, autores como Gasque (2010) apontam a importância de sua aplicação prática na construção da informação na sociedade atual. Há fortes evidências de que esse processo é crítico na sociedade contemporânea, pois a produção em massa de conhecimento científico e tecnológico está em rápida e profunda transformação.

Young (2006) comparou a inclusão digital à alfabetização, argumentando que é uma habilidade necessária para os indivíduos interagirem no mundo digital, não apenas como uma ferramenta, mas como uma habilidade que fornece qualificações e agrega valor ao seu cotidiano. O Ministério da Educação (2022), em seu Portal de Inclusão Digital, considera as TIC como um direito para melhorar a qualidade de vida das pessoas. Nessa perspectiva, a inclusão digital é promovida, não apenas como uso de tecnologia ou acesso a recursos, mas como um direito que aumenta beneficentemente o valor pessoal. Nesse ponto de vista, Brandão (2009), define o conceito de inclusão digital e social não apenas para representar infraestrutura, conectividade e acesso às tecnologias de informação e comunicação. As habilidades de inclusão

digital e social são definidas por quatro construtos que representam padrões de uso de ferramentas digitais no cotidiano.

A definição conceitual do modelo de inclusão digital é inspirada nos conceitos de inclusão digital, alfabetização digital, alfabetização funcional, e alfabetização informacional. As avaliações das competências de inclusão digital e social podem apoiar a medição da competência crítica/ capacidades digital e social dos indivíduos, definida como o comportamento dos indivíduos que utilizam ferramentas digitais para uso pessoal e de lazer; uso autônomo e em ambientes de trabalho; uso social e aprendizagem colaborativa; e em comunidades configurações para uso inovador (GRIZZLE et al., 2016).

O indivíduo que consegue lidar com tudo que engloba o mundo da tecnologia e da mídia, torna-se um cidadão que consegue lidar com as situações do mundo ao seu redor, enriquecendo seus estudos e contribuindo diretamente com a sociedade, principalmente ajudando a desenvolver a sociedade, a educação. Torna-se fundamental a capacitação dos indivíduos no uso das novas tecnologias, estabelecendo um método crítico para a obtenção de raciocínios eficientes e seguros à medida que se tornam produtores de conteúdo desses novos meios, sendo imprescindível o uso democrático e consciente (CASARIN, 2017). Complementando a posição de Casarin (2017), pode-se dizer que a educação midiática, em suas várias abordagens, também é fundamental para a autonomia dos indivíduos, para o pleno exercício da cidadania, pois só é possível ser partícipe no processo de construção social interagindo com o mundo, com as informações de forma crítica e independente.

2 ABORDAGENS METODOLÓGICAS E PEDAGÓGICAS PARA ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA

Segundo Soares (2014), pensar a mídia a partir de uma perspectiva educacional, especialmente no Brasil, tornou-se um importante foco de pesquisas apresentadas em congressos nos últimos anos, e é nesse contexto que se inicia a discussão das questões educacionais relacionadas à mídia, enraizada em nossa realidade. No entanto, muito antes de a mídia-educação ser discutida em solo nacional, países como Reino Unido, Austrália, Canadá e Estados Unidos eram tão abrangentes, em relação ao tema, que eram considerados países de referência no campo da mídia-educação. No Brasil, os estudos voltados para o domínio midiático são conceituados sob os termos, educação midiática educativa, comunicação educativa e educação midiática (FREITAS; FERRARI JÚNIOR, 2016).

Porém, na visão de Belloni (2009) são conceitos diferentes e, quando se trata de educação para a mídia, diferentes vieses podem surgir na educação que incorpora a mídia. A educação para a mídia inclui: educação para a mídia e educação sobre a mídia, promovendo uma crítica de sua função em diferentes sentidos e contextos. Inclui, também, o uso e a educação através dos meios de comunicação, sendo importante considerar que as práticas pedagógicas apoiam o uso das TIC e de diversos materiais. Esses pontos podem ser utilizados para a construção da cidadania por meio de práticas educativas que problematizam aspectos do antropocentrismo e do tecnocentrismo. A mídia-educação é assim entendida como treinamento em leitura crítica das mídias em geral, independentemente do suporte tecnológico (BÉVORT; BELLONI, 2009).

Vincular a mídia à educação pode ser visto como uma abordagem mais recente, mas vários termos implicam a importância do ensino para entender os fenômenos da mídia em contextos sociais e educacionais, como eventos que sustentam a liberdade de expressão e a democracia. Nesse sentido, termos como educação para a mídia e até mesmo a alfabetização midiática tornaram-se populares nos últimos anos. Muitos desses termos ainda são objeto de discussão e são aplicados de maneiras diferentes, dependendo da formação profissional ou das convenções culturais das comunidades às quais seus usuários pertencem (FREITAS; FERRARI JÚNIOR, 2016).

Em todo o mundo, muitas organizações usam o termo educação para a mídia que às vezes é aceito como abrangendo os conceitos de alfabetização midiática e alfabetização informacional. O uso do termo alfabetização midiática pela UNESCO visa harmonizar os diferentes conceitos de acordo com plataformas convergentes de uso (UNESCO, 2013). Segundo Von Feilitzen (2014), esses conceitos são considerados objeto de uma abordagem

ampla, mas, encaram a mídia sob um prisma holístico e diversificado. A educação para a mídia é considerada um dos caminhos para a alfabetização/alfabetização midiática e informacional.

Este último está interessado no desenvolvimento e aquisição de habilidades e competências midiáticas, ainda que de forma processual, a toda alfabetização. Na apresentação do autor, esses aspectos levam em consideração que todas as pessoas devem estar expostas à mídia, entender como a mídia se comporta e funciona na sociedade, devem ser capazes de analisar criticamente e refletir sobre o que é apresentado na mídia e participar da produção midiática ou em uma variedade de comunicar no contexto. Não temos apenas o direito à informação, mas também o direito de comunicar e expressar (VON FEILITZEN, 2014).

Desta forma, a abordagem dos meios de comunicação e da educação tornou-se um fator determinante na construção de uma sociedade que não só tem direito à igualdade de oportunidades, mas também é vital para que cada indivíduo cumpra o seu papel de cidadão socialmente engajado. A integração da mídia no ambiente escolar facilita a compreensão, crítica e avaliação de mensagens e conteúdos de mídia disseminados em todos os ambientes, tanto reais quanto virtuais. Promover o desenvolvimento de competência, e competência para lidar com o campo da informação e comunicação mediada pela mídia para que o processo de alfabetização midiática e informacional beneficie a todos.

As escolas, como instituições formadoras de indivíduos, além de serem um dos principais espaços de formação de professores, também têm a responsabilidade de cultivar a alfabetização midiática e informacional dos alunos, pois essas duas disciplinas são parte fundamental do desenvolvimento da alfabetização midiática em diversos contextos sociais. Cenários (Gasque, 2015). A alfabetização midiática será a única possibilidade de concretizar os princípios enunciados pela Organização das Nações Unidas (ONU) para garantir o conhecimento de uma sociedade inclusiva, que passa por uma educação de qualidade para todos, valorização das várias culturas existentes como garantia de expressão da cultura da diversidade, todos com igualdade de acesso à informação por gênero, raça, cultura e outros e, por fim, valorização e permissão da liberdade de expressão, especialmente igualdade de gênero (CUNHA, 2018).

Segundo Mazzaro e Duarte (2018), para compreender os propósitos propostos pela alfabetização midiática, especialmente no contexto da educação, é necessário que a sociedade reconheça o papel da tecnologia e da informação altamente relevantes para os meios de comunicação, que, então devem garantir que a alfabetização midiática possibilite aos alunos autonomia para serem capazes de utilizar as ferramentas disponibilizadas pelas novas tecnologias, contribuindo, assim, para a formação de opiniões e ideias críticas, tornando

possível lidar com várias questões que envolvem a sociedade (MAZZARO; DUARTE, 2018).

A alfabetização midiática constitui a lente necessária para o pleno exercício da cidadania, é um requisito integral para a promoção da igualdade de acesso à mídia e aos fornecedores de informação, ao mesmo tempo em que, segundo a Unesco (2013), amplifica os movimentos de educação cívica para incluir os professores como principais agentes facilitadores da mudança. A competência crítica/ capacidades midiática e informacional é, pois, necessária para todos os cidadãos e de importância decisiva para as novas gerações, tanto no que se refere ao papel social dos jovens, enquanto cidadãos engajados, como na sua aprendizagem, expressão cultural e realização pessoal (UNESCO, 2013).

Uma educação que considere a alfabetização midiática e informacional é essencial para alcançar a formação de indivíduos não apenas para ter acesso às mídias e informações, mas ainda, para processá-las, saber como usá-las, como produzir e reproduzir conteúdo e compartilhá-los, e para construí-los. Possuir conhecimento e ter liberdade para se comunicar, compartilhar informações e se expressar é sinônimo de cidadania.

A alfabetização midiática desempenha um papel importante no mundo moderno, por estar no centro das novas formas de interagir na sociedade da informação. Isso demonstra a necessidade urgente de formar cidadãos críticos, participantes da cidadania de que a sociedade do século XXI tanto precisa. O uso responsável e consciente de mídias e informações soma-se a uma formação adequada, que requer competências, atitudes e habilidades sobre as quais a formação pode ser construída (FREIRE; CARVALHO; NOBRE, 2017).

A Unesco direciona cuidadosamente a alfabetização midiática para públicos específicos, a fim de atingir seu objetivo de alfabetização midiática e informacional entre cidadãos, entidades, instituições e sistemas. Assim, são apresentados os atores e agentes responsáveis pela incorporação da alfabetização midiática e também são atribuídos os requisitos básicos para a sua implementação e garantia dos benefícios da competência crítica/ capacidades midiática e informacional, quando implementada de forma adequada e eficaz (CUNHA, 2018).

A inclusão da mídia-educação na Base Nacional Curricular Comum (BNCC)², é considerada uma progressão lógica, pois as competências envolvidas nesta área evidenciam a importância de os alunos desenvolverem competências no campo da informação, tornando-se indivíduos capazes de leitura crítica das informações veiculadas em mídias como jornais, revistas, internet e rede social. Outras recomendações são feitas pela *The Base*, ao mencionar que os indivíduos devem ter responsabilidade, ética e análise crítica ao compartilhar e publicar

comentários e opiniões em ambientes virtuais e digitais (SOUSA, 2019). Segundo Ferrari, Machado e Ochs (2020), a mídia-educação tem ganhado espaço e visibilidade na base, tanto que além de consistente, traz caminhos possíveis para que a área seja relevante no processo de ensino e aprendizagem.

Para os autores, a BNCC considera a mídia-educação dentro de algumas competências gerais, por isso são apresentadas de forma mais explícita nas competências 5 e 7³, quando enfatizam o letramento digital e a argumentação respectivamente como competências desenvolvidas no contexto da educação básica. Esta perspectiva se encontra em determinados momentos ao longo da base, nomeadamente nas áreas de conhecimento e competências e habilidades específicas que devem ser desenvolvidas no âmbito das componentes curriculares.

2.1 Estratégias metodológicas de educação midiática para idosos

Segundo Silva e Gomes (2015) a sociedade está totalmente imersa em novas formas de informação e comunicação e, nesse contexto, as TIC e as mídias têm potencial pedagógico quando integradas ao processo de ensino, porém, para integrar mídia e tecnologia em suas salas de aula, os professores enfrentam muitos desafios em termos de uso e acesso às suas possibilidades. Isso não ocorre apenas porque os professores precisam de treinamento e recursos, mas se estendem aos próprios alunos, que às vezes não possuem habilidades adequadas para manusear tais equipamentos. Para Ferreira e Girardello (2019), se não houver diferenças sociais entre os alunos, a tecnologia digital constitui apenas um meio ou recurso de grande significado para o processo de ensino.

Se todos os alunos tivessem a mesma oportunidade de usar e acessar tecnologias, mídias e informações, talvez essa fosse uma forma possível de proporcionar às salas de aula acesso a diferentes tecnologias. Os autores acima, ainda enfatizam que a formação de professores em educação para a mídia precisa estar em diálogo com a realidade das escolas públicas, para entender os tipos de tecnologia que os alunos adquirem e superar as desigualdades associadas a ela (Ferreira; Girardello, 2019), embora uma grande parte das pessoas usam muita tecnologia e mídia, mesmo quando a qualidade é baixa.

Ao descrever estratégias instrucionais utilizadas em atividades educativas em programas de educação continuada para idosos, Cachioni et al. (2015) incentivam a apropriação ativa e crítica no processo educacional, ao invés do acúmulo estático de conhecimento por parte dos idosos, em seus métodos de pesquisa e estratégias de ensino utilizados pelos educadores de

idosos da Universidade Aberta.

A compreensão da linguagem técnica traz consigo questões sociais, como explicam Silveira et al (2011), os idosos, por vezes, retomam o caminho da educação na perspectiva da renovação cultural e da reconciliação social. As TIC irão potenciar este processo de aprendizagem, permitindo-lhes interagir com diferentes informações, pessoas e grupos, partilhar os seus conhecimentos e as suas próprias histórias de vida, e aumentar a sua autoestima e autorrealização. O autor aponta para uma pedagogia que chama de educação gerontológica, estabelecendo um conjunto de concepções de ensino, consideradas mais participativas e transformadoras, desde as manifestações clínicas do envelhecimento até as possibilidades de inclusão digital mediadas pela tecnologia da informação.

Medeiros (2018) lembrou que, para que o aprendizado fosse pautado na reflexão, na crítica e na resolução de problemas cotidianos, seria necessário a presença de um professor para facilitar esse processo. No entanto, é impossível atribuir a um professor as características de um facilitador da aprendizagem se o professor não tiver desenvolvido as competências para processar e utilizar a informação que lhe é apresentada.

O aprendizado é um processo biológico e psicológico fundamental que ocorre ao longo da vida humana (Formosa, 2012) e que é dividido em três grupos com base na idade. A geragogia, que se estabelece entre as ciências educacionais e a gerontologia, é um campo separado no sentido educacional do ensino para crianças e jovens (pedagogia) ou para adultos (andragogia), concentrando-se especificamente apenas no ensino para pessoas mais velhas (Rande, 2020). Entretanto, segundo Findsen e Formosa (2011), a teoria da geragogia tem suas raízes na andragogia, onde o aprendiz é visto como autodirigido e independente.

As experiências passadas de adultos e pessoas mais velhas são uma parte importante do aprendizado, pois, com base em experiências anteriores, novos conhecimentos são construídos sobre as coisas que eles querem aprender. Portanto, ensinar envolve muita discussão e solução de problemas, e o objetivo do educador não é apenas transferir conhecimento, mas também incentivar o próprio aluno a buscar conhecimento (Giannoukos et al., 2015). De fato, na educação de adultos, o ensino pode ser descrito mais como orientação, onde o papel do professor muda, se constituindo em um facilitador. Aprendizagem é motivada, sobretudo, por fatores internos (por exemplo, qualidade de vida, autoestima) do que externos, em comparação, por exemplo, com as crianças (FINDSEN; FORMOSA, 2011).

Nestes aspectos, há muitos pontos em comum entre andragogia e geragogia, mas eles não podem ser totalmente equacionados entre si. De acordo com a pedagogia, andragogia e geragogia, o ensino deve ser adaptado às necessidades de diferentes faixas etárias, e deve ser

visto como feltros inter-relacionados e sobrepostos, como um conjunto de suposições e diretrizes sobre a aprendizagem humana em diferentes fases do curso da vida (FINDSEN; FORMOSA, 2011).

A diferença entre andragogia e geragogia pode ser vista no fato de que os idosos em geragogia são considerados qualitativamente diferentes dos adultos, em aspectos mental e fisicamente, e também suas circunstâncias e experiências situacionais são diferentes (Formosa, 2012). A aprendizagem e o ensino para pessoas idosas são significativamente afetados por sua saúde e habilidades cognitivas e, mais especificamente, pela plasticidade do cérebro. A plasticidade cerebral e os recursos cognitivos, tais como velocidade perceptiva e memória, diminuem com a idade e, portanto, podem afetar negativamente os resultados da aprendizagem (PARK; BISCHOF, 2013).

A consolidação ou transferência do conhecimento aprendido para a memória a longo prazo diminui com a idade (Czaja Sharit, 2013), e a realização de tarefas múltiplas, ou a execução de tarefas múltiplas simultaneamente, também tem se tornado mais difícil à medida que envelhecemos. Em uma escala maior, um declínio nestas habilidades também pode limitar a independência e a qualidade de vida de um indivíduo (Bárrios et al., 2013). Para Luppi (2009) não há uma idade ótima ou de pico para a aprendizagem, ou seja, não há nenhum período de idade que afete mais o desenvolvimento de um indivíduo do que os outros, portanto, não deve haver dúvidas de que as pessoas mais velhas podem aprender em idade posterior (BRINK, 2017).

De fato, estudos empíricos recentes mostraram que a plasticidade cerebral pode ser intensificada até a velhice (SCHMIDT et al., 2020). Este apontamento possui relevância substancial, pois o processo de aprendizagem desempenha um papel primordial, nomeadamente no que diz respeito à autonomia e à manutenção da atividade cognitiva, ao mesmo tempo em que exerce uma influência significativa sobre os recursos financeiros do Estado. Não obstante as raízes profundamente enraizadas da geragogia na andragogia, sua amplitude transcende os limites deste campo, denotando que a geragogia não se configura como a única terminologia adequada para descrever o ensino e a aprendizagem de indivíduos de faixa etária avançada. Nesse sentido, outros conceitos, como a eldergogia e a gerontagogia, foram adotados em conjunto com a geragogia para abarcar essa área de estudo de forma mais abrangente e aprofundada. (BOULANGER et al., 2020).

De fato, geragogia, eldergogia e gerontagogia podem, às vezes, até ser usadas como sinônimos (VON DOETINCHEM DE RANDE, 2020), no entanto, com base na revisão da literatura anterior, ainda é possível discernir algumas sutilezas que evidenciam diferenças entre

os diversos conceitos. O termo "eldergogia", introduzido por Yeo (1982), não é considerado no âmbito do presente estudo, uma vez que não foram desenvolvidas teorias educacionais específicas para este conceito. Além disso, a "gerontagogia", que representa uma nova disciplina híbrida resultante da proliferação da gerontologia educacional, uma especialização multidisciplinar por si só, e da educação do envelhecimento (LEMIEUX; MARTINEZ, 2000).

A geragogia crítica incorpora uma perspectiva crítica, especialmente no que diz respeito a questões sociais, manifestando críticas construtivas e buscando transformações (Formosa, 2002). Essa abordagem pode ser compreendida como estabelecendo uma conexão com a gerontologia educacional crítica, conforme descrito por Formosa (2002) em seu artigo. Neste contexto, o autor procurou estabelecer um conjunto de princípios orientadores para a prática da gerontologia crítica, na expectativa de que esses princípios atuem como um catalisador na consecução dos objetivos da gerontologia educacional crítica.

Doll, Ramos e Buaes (2015) apresentam informações sobre gerontologia educacional que segundo os autores é o estudo e a prática do comportamento educacional para ou sobre idosos. Podem ser observados três aspectos distintos, mas relacionados: atividades educativas voltadas para pessoas de meia-idade e idosos; atividades educativas sobre envelhecimento e idosos voltadas para públicos gerais ou específicos; oferece preparo educacional para quem pretende trabalhar com idosos.

Ainda segundo Peterson, práticas educativas para idosos já haviam sido tentadas anteriormente. No Brasil, porém, esse trabalho foi iniciado pelo Centro de Serviço Social Empresarial de São Paulo (SESC/SP) na década de 1960. Segundo os autores, a chamada prática educativa está mais voltada para a socialização do que para a educação. Nesse sentido, os objetivos estão mais voltados para a promoção de atividades que reduzam o ócio do que para uma assessoria educativa genuína, assumindo um caráter mais assistencialista.

Lima et al. (2021) explicaram que a gerontologia é uma pedagogia específica para idosos e apontou um novo paradigma no campo da educação e do envelhecimento que permite às pessoas regenerarem seu cérebro, mantendo intactas, por meio da reflexão, do pensamento, suas habilidades mentais, memória e inteligência. É tarefa da gerontologia educacional educar o idoso a conhecer e acreditar em suas verdadeiras capacidades, desenvolver seus talentos e ensiná-lo a usar o conhecimento a serviço da formação do sujeito, ou seja, do exercício da cidadania.

A pesquisa de Almeida, Carvalho e Guimarães (2016) mostra que a realidade é muito próxima do exposto. Livros didáticos, jogos e projetores multimídia são os recursos de mídia e informação mais utilizados em sala de aula. Até os próprios alunos reconhecem os meios de

comunicação como um verdadeiro aliado no ensino, atribuindo motivos como meio de promover o aprendizado e estimular a motivação dos alunos, ao mesmo tempo em que são considerados como meio de fomentar o trabalho dos professores.

No entanto, devido às dificuldades e limitações do uso das mídias pelos professores em sala de aula, os professores se sentem obrigados a utilizar os aparatos tecnológicos, muitas vezes sem capacitação, assistência técnica ou apoio da equipe escolar na organização do tempo e espaço para utilização desses recursos. Isso nos remete ao analfabetismo tecnológico dos professores, realidade encontrada em diversas partes do país. Mas é possível contribuir para mudar o mundo ao nosso redor por meio da formação continuada, alfabetizando os professores para que eles dominem a linguagem da tecnologia e descubram, entendam e interajam com os alunos (ALMEIDA; CARVALHO; GUIMARÃES, 2016).

De acordo com Westbrook (2011) a pedagogia da alfabetização dos meios de comunicação pode ser definida como um ensinamento construtivista e de escolha de problemas que alimentam o aprendizado para identificar, avaliar e analisar códigos e convenções de textos mediados, tipográficos e pós-tipográficos. A pedagogia da alfabetização midiática está essencialmente relacionada à produção e ao trabalho prático com a mídia, em que o aprendiz constrói ativamente significados através da discussão, análise, prática reativa e investigação (WESTBROOK, 2011).

Na pedagogia da alfabetização da mídia, como na educação de adultos, os educadores não transmitem informações diretamente aos alunos, mas as facilitam, por exemplo, discutindo e fazendo perguntas e aproveitando a experiência passada (Giannoukos et al., 2015). A pedagogia da alfabetização midiática procura corresponder à forma como o ensino da alfabetização midiática deve ser implementado. Entretanto, ela não considera de forma satisfatória as especificidades das pessoas mais velhas, e o conceito é visto em grande parte no contexto do mundo escolar, razão pela qual é necessário desenvolver o conteúdo do conceito para a geragogia da alfabetização dos meios de comunicação à luz do conhecimento anterior. É errado supor que a alfabetização midiática das pessoas idosas pode ser desenvolvida e orientada exatamente pelas mesmas perspectivas pedagógicas e princípios básicos como, por exemplo, crianças e jovens que diferem ligeiramente (RASI et al., 2019).

O ensino da educação midiática destinado a crianças e jovens já se encontra regulado por uma série de normativas legais e diretrizes educacionais que inequivocamente definem os objetivos pedagógicos. Isso é notavelmente evidenciado, por exemplo, pela legislação que trata dos propósitos da educação infantil, a qual estabelece que todo processo educativo deve ser orientado para promover o desenvolvimento integral e o brincar da criança (Salomão; Palsa,

2019). Entretanto, a situação difere consideravelmente no contexto das pessoas idosas, onde o enfoque na educação midiática é concebido com base nas necessidades e interesses particulares desse grupo etário, simultaneamente valorizando e fortalecendo suas capacidades cognitivas. (GUTIÉRREZ; DUQUE; CHAPARRO; ROJAS et al., 2018).

De acordo com a geragogia, vários aspectos precisam ser considerados ao desenvolver a alfabetização sobre a mídia em pessoas mais velhas, como o fato de que elas, sem dúvida, têm uma experiência de vida mais longa do que as gerações mais jovens e que seus papéis na vida podem mudar mais radicalmente com a idade (Vidovićová, 2018). Diferentes papéis na vida, e o curso geral da vida, têm um efeito significativo sobre, por exemplo, as metas de aprendizagem à medida que os interesses e necessidades mudam com a idade (KINNARI, 2020).

A diversidade intrínseca às pessoas idosas exerce um papel de relevância substancial no direcionamento da competência crítica/ capacidades midiático, agravado por fatores de saúde, e também influenciado pelo processo de envelhecimento, níveis educacionais e proficiência linguística (Czaja; Sharit, 2013). É lógico inferir que a aquisição de conhecimentos e habilidades no âmbito das capacidades midiáticas torna-se mais complexa quando se trata de idosos que são imigrantes e, conseqüentemente, ainda não dominam plenamente a língua e a cultura do país de acolhimento. Além disso, conforme observado por Cerna et al. (2020), as barreiras linguísticas, decorrentes de terminologias técnicas e/ou do idioma inglês, podem representar um obstáculo significativo no uso eficaz de ferramentas digitais por esse público.

O conhecimento e a experiência adquiridos anteriormente, especialmente em relação à alfabetização midiática, assim como a que se refere a fatores sociais, devem ser levados em consideração no processo de ensino e aprendizagem. Na verdade, aprender a usar tecnologias e meios digitais para pessoas idosas é mais afetado pela quantidade de uso do que pela idade cronológica (BUSSOLO et al., 2015).

De acordo com Findsen e Formosa (2011), as pessoas idosas também não são iguais em suas informações de origem demográfica (por exemplo, etnia, sexo, idade), e essas diferenças falam a favor do fato de que os mesmos princípios não se aplicam a todos, mas podem, na pior das hipóteses, criar desigualdade em alguns aspectos. Portanto, é importante entender que um programa de “tamanho único” não é adequado para todos (HOBBS, 2010).

A competência crítica/capacidade midiático não pode ser uniformemente aplicada a distintas faixas etárias e, de maneira igualmente relevante, não se aplica de maneira uniforme a todos os indivíduos idosos dentro deste vasto e diversificado grupo populacional. A aquisição de competências midiática pode ser adquirida tanto por meio da experimentação e do autodesenvolvimento contínuo, como também pode ser sistematicamente organizada, seja em

ambientes escolares de ensino fundamental ou em instituições de ensino superior (Pekkala, 2016). Independentemente do contexto em que se desenvolve a competência crítica midiática para idosos, estudos empíricos prévios claramente demonstram que o processo educativo de alfabetização midiático entre esse público deve levar em consideração as nuances pessoais e sociais que caracterizam esta parcela da população (Abad Alcalá, 2019) e deve ser adaptado às suas necessidades e interesses individuais.

A aprendizagem relacionada às necessidades e interesses cotidianos dos idosos, como a adoção de aplicativos e dispositivos específicos em suas vidas, tais como a comunicação com familiares e amigos e serviços de *e-banking*, foi identificada em diversos estudos como um ponto de partida fundamental para o ensino em competência crítica/capacidades midiático (Ivana; Fernández-Ardèvolb, 2017). Contudo, como destacado por Czaja e Sharit (2013), lamentavelmente, devido à prevalência de estereótipos relacionados ao envelhecimento, os adultos mais velhos muitas vezes são negligenciados em relação às oportunidades de treinamento ou são submetidos a programas de capacitação que não são personalizados de acordo com suas preferências e necessidades individuais.

Ao orientar e desenvolver a alfabetização sobre a mídia para pessoas mais velhas, deve haver uma ligação causal entre as metas de aprendizado estabelecidas e os resultados alcançados (Abad. Alcalá, 2019). É importante prestar atenção aos formulários das sessões (por exemplo: oficinas, sessões de treinamento individual, educação informal da família), duração (por sessão, frequência) e avaliação (Czaja; Sharit, 2013) no desenvolvimento da alfabetização das pessoas mais velhas sobre a mídia.

De acordo com Abad Alcalá (2019) os materiais educacionais devem ser claramente estruturados, aumentando gradualmente em complexidade sem fornecer demasiada informação em cada sessão, o que também apoia as habilidades cognitivas das pessoas idosas. Os mais velhos também gostam de aprender através da interação social, especialmente se seus níveis de habilidade forem os mesmos, neste aspecto, o tamanho dos grupos não deve ser muito grande, grupos pequenos são preferíveis.

Deve haver um certo grau de sensibilidade na educação para a mídia das pessoas mais velhas porque pode haver um longo período de tempo entre a última vez que as pessoas mais velhas estudaram ou, devido aos estereótipos prevalecentes, seu próprio interesse, motivação ou desejo de aprender a alfabetização para a mídia pode não ser alto. De acordo com Abad Alcalá (2019) o estágio inicial deve envolver experiências positivas e bem-sucedidas para promover o compromisso e evitar frustração e abandono. A atmosfera deve ser positiva e respeitosa, o que é substancialmente enfurecido pelo instrutor e sua capacidade de proporcionar

ao aprendiz uma atmosfera segura.

Também deve ser dada atenção à empatia do instrutor e à capacidade de incentivar os mais velhos, de evitar o uso de jargões técnicos na orientação e às características de um especialista (Hänninen, et al., 2021). Uma criança, neto ou outra pessoa não profissional é geralmente considerada um caloroso especialista que pode ajudar os mais velhos a usar seus dispositivos (OLSSON; VISCOVI, 2018).

Indivíduos idosos podem também desempenhar papéis de especialistas calorosos uns para com os outros, conforme observado por Hänninen et al. (2021). Tal abordagem, isto é, o ensino por pares, tem sido reconhecida como um método eficaz de aprendizado, uma vez que é centrado no aluno e proporciona benefícios tanto para o provedor quanto para o receptor. Como destacado por Olsson e Viscovi (2018), a presença de especialistas calorosos se revela crucial, independentemente do nível de habilidade e competência técnica individual. Relações duradouras com especialistas calorosos fornecem estabilidade na superação de desafios técnicos cotidianos e possibilitam a resolução e a aquisição de novos conhecimentos. Além disso, tais relações contribuem significativamente para uma sensação de segurança.

Especialistas calorosos não apenas ajudam no desempenho do uso dos dispositivos, ajudam a identificar as necessidades potenciais relacionadas a eles (OLSSON; VISCOVI, 2018). Embora isto sugira que a alfabetização de pessoas mais velhas pode ser orientada por instrutores não profissionais como pares, gerações mais jovens e parentes, é bom lembrar que muitas associações ou, por exemplo, bibliotecas, desempenham um papel importante na promoção da alfabetização de pessoas mais velhas sobre a mídia (GUTIÉRREZ; DUQUE; CHAPARRO; ROJAS, 2018).

1) Organizar as atividades de aprendizagem em torno de tópicos interessantes para adultos mais velhos; 2) Incentivar a participação individual e apoiar um ambiente de aprendizagem colaborativa; 3) Apoiar a interação social nas...as redes sociais; 4) Facilitar espaços para explorar e refletir sobre emoções e estereótipos relacionados à aprendizagem e ao uso das TICs como alunos mais velhos; 5) Oferecer um sistema de apoio sustentado; 6) Fornecer recursos para apoiar o declínio das habilidades cognitivas; 7) Desenvolver uma perspectiva ampla sobre as TIC e como combiná-las aos interesses e necessidades pessoais; 8) Oferecer um ambiente de aprendizagem seguro no qual as experiências e conhecimentos dos participantes sejam respeitados; 9) Identificar e incluir estratégias adequadas de apoio social para fomentar a família e os amigos para auxiliar a aprendizagem das TICs para adultos idosos; 10) Promover autonomia e independência no uso das TICs; e 11) Definir um perfil de facilitador (GUTIÉRREZ; DUQUE; CHAPARRO; ROJAS, 2018, p. 52).

Essas diretrizes abordam aspectos cruciais para a aprendizagem de adultos mais velhos em relação às tecnologias da informação e comunicação (TICs), destacando a importância de alinhar os conteúdos com seus interesses, promover interação social, oferecer suporte emocional, garantir autonomia e respeitar suas experiências individuais.

3 IDOSOS E AS NOVAS PERSPECTIVAS DE INTERAÇÕES SOCIAIS

A etimologia da palavra "velho" remonta ao latim *vetulus* ou *vetus*, denotando significados como antigo e ancião (FERREIRA, 1986). A definição de velhice, segundo o dicionário, abarca o estado ou condição de envelhecimento, abrangendo termos como "velho," "senil" e "rabugento." Tal concepção reflete uma perspectiva historicamente vinculada à expectativa de vida mais limitada que caracterizou eras passadas. Nesse contexto, a representação social do envelhecimento é marcada pela figura do indivíduo em processo de envelhecimento, o qual se relaciona à brevidade da vida humana na época.

Esta interpretação encontra respaldo na pesquisa de Mascaro (2004), que destaca a substituição de expressões antigas e desgastadas por "ancião" como representação simbólica do indivíduo avançado em idade, refletindo a passagem do tempo e a ideia de um homem idoso.

As representações sociais da velhice têm evoluído ao longo da história, uma vez que o conceito de envelhecimento não se configura como uma construção estritamente individual, mas é moldado coletivamente pelo surgimento de influências psicossociais. A compreensão da evolução dessas representações no decorrer do tempo é fundamental para apreender como a concepção do envelhecimento se articula em nossas sociedades.

Santos (2001) propõe que a China historicamente atribuiu um *status* 'privilegiado' aos idosos, associando a velhice a um momento espiritual culminante, no qual, aos 60 anos, o indivíduo "alcança o momento de libertar-se do corpo através do êxtase da santidade" (SANTOS, 2001. p.144).

De acordo com Benetti, Fagundes e Zanella (2011), o conceito de velhice é influenciado pelo uso indiscriminado de termos pejorativos ou conceitos culturalmente determinados em seus respectivos períodos históricos. Historicamente, termos como "idoso" ou "decadência" frequentemente denotavam a velhice e a pobreza, enquanto o termo "ancião" era mais atribuído aos idosos que mantinham uma boa integração na sociedade. À medida que a estrutura social sofreu transformações, o prestígio dos idosos também aumentou, em parte devido ao surgimento de políticas sociais destinadas à terceira idade no século XX. Isso resultou em uma mudança de atitude em relação aos idosos, refletida na eliminação de termos depreciativos associados a essa faixa etária dos documentos oficiais.

Ao longo da história da humanidade, a representação das pessoas idosas tem sido associada ao conhecimento e ao saber, sendo valorizadas e reconhecidas as suas experiências vividas, remetendo ao termo velhice, ao longo do tempo, com o seu significado histórico e cultural. Assim, observa-se uma redefinição do conceito de velho ou idoso, não mais um

qualificador de idade ou classe social. O termo velhice está gradativamente sendo substituído por três idades e mais recentemente por maturidade (BENETTI; FAGUNDES; ZANELLA, 2011).

Segundo Brito e Valle (2012), abordar temas relacionados ao envelhecimento também desafia a interpretação de rótulos sociais ou expressões metafóricas aplicadas a indivíduos com mais de 60 anos em ordem cronológica: velho, aposentados, idade avançada, “melhor idade”, terceira idade, indivíduos maduros, criam uma variedade de imagens, por vezes estereotipadas, algumas mais preconceituosas, outras menos negativas.

A velhice significativa é apresentada por meio de representações de períodos históricos e culturas, com significados para o ser humano em diferentes épocas e lugares. No entanto, o significado da velhice, entendida como uma etapa inevitável antes da morte, é difundido, pelo menos, implícito. O envelhecimento apresenta, assim, diversas etapas, marcadas e constituídas por significados associados a concepções socioculturais. O envelhecimento é entendido de forma holística como um fenômeno biológico com manifestações psicológicas que são culturalmente descritas como aspectos da velhice (BRITO; VALE, 2012).

O Brasil encontra-se em um momento de transição, conhecido como revolução demográfica, isso tem acontecido principalmente devido ao aumento da expectativa de vida, que promove um crescente número de idosos na sociedade (Zappe *et al.*, 2016). Segundo projeções estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), um quarto da população deverá ter mais de 60 anos em 2043 (Perisse; Marli, 2019). Diante do acelerado ritmo de crescimento dessa população, tornam-se indispensáveis abordagens sobre esse público visto que o índice de envelhecimento populacional vem aumentando.

Segundo Valença e Silva (2011), o envelhecimento é um processo natural e fisiológico resultando em modificações que favorecem o surgimento de doenças comuns nessa idade. Os idosos compõem uma camada heterogênea em que a maioria é ativa e possui capacidade para realizar atividades do cotidiano sem depender de alguém, entretanto, há uma pequena parcela, que corresponde a idosos frágeis que utilizam de modo mais frequente do que os demais, os serviços de saúde, ocupando a grande maioria dos leitos hospitalares, sobretudo por um período maior de permanência.

O avançar da idade cronológica gera ao corpo uma série de alterações fisiológicas, sendo essas caracterizadas como um processo natural e integrante do ciclo da vida. No processo de envelhecimento, o indivíduo desenvolve progressivas modificações em suas funções e sistemas celulares, decréscimo metabólico, perda de massa muscular, perda de controle postural, diminuição de desempenho motor, diminuição de equilíbrio e reflexos posturais, alterações

morfológicas e psicológicas (NASCIMENTO; PATRIZZI; OLIVEIRA, 2012).

O envelhecimento é um processo inerente a todo ser humano, desde que nasce começa a envelhecer. No entanto, a partir da sexta década, inicia-se uma progressiva perda de reserva funcional e redução no processo homeostático, traduzindo em vulnerabilidade ao indivíduo. Algumas características como diminuição da acuidade visual, diminuição de estatura, rigidez articular, deterioração do sistema nervoso são comuns a esse processo. Essas alterações contribuem para maior probabilidade de os idosos evoluírem para maior incapacidade de manter o equilíbrio corporal e desenvolver disfunções motoras, ambas associadas ao aumento das disfunções neurocognitivas (SACHETTI *et al.*, 2012).

O envelhecimento associado à prevalência de doenças crônicas, pode resultar no surgimento de síndromes geriátricas, dentre as quais, se destaca a síndrome da fragilidade. Morley *et al.* (2013) definem fragilidade como: “uma síndrome médica com diversos fatores e causas”, além disso pode ser notada através da redução de força, resistência e funções fisiológicas, contribuindo para que o paciente seja propenso a dependência funcional. Com essa condição, o paciente apresenta maior vulnerabilidade ao desenvolvimento de dependência, além de um grande rol de doenças e intercorrências clínicas que podem levar à morte.

Envelhecer pressupõe alterações físicas, psicológicas e sociais no indivíduo, nesse ponto mais alterações são naturais e gradativas, para Zimmerman (2015), é importante salientar que essas transformações são gerais podendo se verificar em idade mais precoce, ou mais avançada em maior ou menor grau, de acordo com as características genéticas de cada indivíduo, principalmente, com o modo de vida de cada um, a alimentação adequada, a prática de exercícios físicos, a exposição moderada ao sol, a estimulação mental, o controle do estresse, o apoio psicológico, atitude positiva perante a vida.

Sendo este um período de destaque em relação à saúde é aquele em que as pessoas tendem a experimentar um aumento na suscetibilidade a doenças, bem como a uma recuperação mais lenta após a ocorrência de enfermidades. É fundamental enquadrar as doenças crônicas associadas ao envelhecimento como parte do quadro normativo, reconhecendo que tais condições estão intrinsecamente relacionadas à fase etária da pessoa em questão.

Um desafio significativo enfrentado pelas sociedades contemporâneas consiste em estabelecer estratégias de intervenção que promovam o envelhecimento ativo, visando a prevenção de situações de dependência. Estas podem ser originadas por fatores de ordem física ou biológica, mas, em sua maioria, estão relacionadas a aspectos psicossociais que afetam os indivíduos nessa fase da vida. Nessa perspectiva, merece destaque a abordagem apresentada no "Programa de Envelhecimento e Saúde" proposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS)

em 1998, que enfatiza a relevância da prática regular de atividades físicas no cotidiano dos idosos.

Para os idosos acolhidos em centros gerontológicos e que apresentam dependência, em maior ou menor grau, é importante que as atividades de intervenção sejam organizadas na mediação corporal, o que implica a definição de protocolos de ação conveniente (GUILLÉN, 2018, p. 24).

A forma adequada de vida social pressupõe a saúde e a competência motora dos indivíduos, a capacidade funcional é determinada a partir do nível de autonomia que as pessoas precisam para atender às suas próprias necessidades e interagir com as pessoas mais próximas à comunidade, ou seja, a capacidade de cuidar de si e dos outros para alcançar o envelhecimento saudável.

Portanto, no caso do objetivo do presente trabalho: a alfabetização midiática, os aspectos que envolvem a condição física, psicológica dos idosos também tem relevância e precisam ser pensados no momento da proposição de qualquer formação, ou seja, como disseram autores já citados, o contexto social, econômico, as condições físicas, as capacidades e habilidades dos idosos devem ser pensadas para que se proponha algo compatível com cada grupo.

3.1 O idoso, a educação e a mídia

Sendo a velhice uma condição humana, ela possui uma dimensão existencial que altera a relação das pessoas de acordo com sua origem, o que nos faz entender que existe a velhice. Dependendo da cultura em que se está, da sociedade em que se encontra e das relações e relacionamento consigo mesmo, também afetam o envelhecimento, envelhecer pode ser pensado como viver de diferentes formas, produzindo mudanças na relação com o mundo e individualmente. Portanto, a velhice não pode ser entendida apenas como um fator biológico, mas como um fato cultural (BEAUVOIR, 1990).

Atualmente, o mundo está vivenciando um fenômeno denominado "Era do Envelhecimento", conforme delineado pela Organização das Nações Unidas (ONU), conforme destacado por Herédia, Corteletti e Casara (2007). Projeções conduzidas pelo Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), o Brasil se encontra na sexta posição entre os países com a maior concentração de idosos, e projeções indicam que, até 2050, a população idosa superará a população jovem (0 a 15 anos) no país. Apesar do crescimento significativo, persistem desafios preocupantes relacionados à negligência dos idosos, especialmente no que diz respeito às políticas públicas e aos estigmas associados a essa questão. Nesse sentido, faz-se necessário investigar como o estigma social se relaciona com o

envelhecimento (ANDRADE, 2011).

O estigma social se configura como a desaprovação de características individuais e crenças pessoais que entram em conflito com as normas culturais predominantes em um determinado grupo social. Isso resulta na marginalização dos portadores dessas características ou defensores dessas crenças em diversas culturas e comunidades (BECKER; ARNOLD, 1986). Portanto, o estigma pode ser compreendido como a "situação em que um indivíduo é impedido de alcançar a plena aceitação social" e envolve um "atributo profundamente depreciativo", ou seja, refere-se à condição de não possuir atributos considerados essenciais por um grupo social (BECKER; ARNOLD, 1986).

Envelhecer, na nossa sociedade, tornou-se um estigma pela extrema valorização da juventude e estética corporal em uma cultura de culto à juventude (ANDRADE, 2011). Não necessariamente ser velho é uma condição inaceitável, mas é sabido que ser velho tem uma relação estreita com o desgaste do corpo com consequentes falhas no funcionamento do organismo e diminuição da capacidade dos órgãos, não se considerando o conhecimento acumulado, as capacidades intelectuais e físicas preservadas e a resiliência adquirida pelas múltiplas experiências. É uma visão pejorativa e parcial, que impossibilita a aceitação social do idoso e o marginaliza.

Em nossa sociedade, a imagem do idoso é constantemente deteriorada. O idoso, como indivíduo estigmatizado, não tem espaço nem voz, papéis a exercer, funções a executar, não pode ser sujeito da ação, tornando-se uma pessoa sem valor nas relações sociais (GOFFMAN, 1982). É visto como um corpo que não é mais um corpo útil para o trabalho (UGARTE, 2005). O idoso tem que provar que possui potencial, é capaz de produzir e aprender, ou seja, sua identidade real é diferente da virtual a ele atribuída, o que é cansativo e desgastante, há uma manutenção e distorção da imagem do idoso.

O estado de atividade dos idosos depende das condições físicas e psicológicas, bem como de outras condições pertinentes à condição humana. Oliveira (2019) apontou que a condição do idoso está relacionada às suas emoções, portanto, velhice não significa tristeza. Em vez disso, a alegria pode encontrar sua maior expressão nesta fase da vida. O declínio orgânico tem consequências físicas, psicológicas e sociais. A velhice precisa ser totalmente compreendida. Este não é apenas um fato biológico. Isso também é um fato cultural. Origina-se do estado mais elevado de todas as fases da vida e do processo vital. A complacência é ruim, a rotina é boa para isso.

Moragas (1997), seguindo a visão de múltiplos fatores associados à velhice, explica que o tempo é contraditório: pode ser benéfico ou prejudicial dependendo das condições individuais

e ambientais. Se o tempo livre não for usado para atividades significativas para a pessoa, pode se tornar um fardo, assim como as necessidades e preocupações do ambiente do idoso. A forma como os idosos reagem quando enfrentam e procuram novas formas de viver ou desistem mais tarde na vida está diretamente relacionada com o seu contexto social.

Embora regulamentadas, as ações voltadas para o atendimento aos idosos não são suficientes para o efetivo cumprimento da lei. Existem várias barreiras que dificultam a formação de pessoas mais velhas. Segundo Souza e Gleria (2012), os códigos de idosos passam a dar visibilidade a essa faixa etária, passam a incluí-los, passam a orientar ações que esclareçam a sociedade sobre o processo de envelhecimento. Nesse sentido, o papel da educação e da mídia é crucial e decisivo para desconstruir estereótipos relacionados à velhice. A regulamentação da condição dos idosos é um primeiro passo, mas, a legislação por si só não pode mudar a natureza do comportamento social, portanto, a importância da educação e das instituições educacionais podem dar a esses cidadãos uma nova aceitação e redefinir seu espaço de ação.

É preciso entender que existe legislação para apoiar a formação de idosos, mas ainda não é suficiente para suprir as necessidades existentes. Deve-se entender que os interesses dos idosos são diferentes dos adultos e dos jovens; eles não se preocupam com o ambiente de produção, mas com outras áreas, como a socialização. Nesse sentido, há indícios que explicam a possibilidade de a velhice exigir atenção especial e ser regada por emoções que promovem a autoestima.

Levando em consideração o conteúdo da garantia de formação no Brasil, concluímos que não se trata do bem-estar do idoso, mas sim de uma formação produtiva, ou seja, entende-se que a proposta tem como foco a formação para ser produtivo e trabalhar. Nosso objetivo não é treinar pessoas mais velhas a partir de uma perspectiva de empoderamento. Neste sentido, o nosso foco não é a educação formal, mas uma formação que responda às necessidades básicas e urgentes dos idosos para lhes proporcionar autonomia. Os idosos também têm a capacidade de se apropriar do conhecimento, e a capacidade de resolver problemas é derivada da apropriação do conhecimento.

A especificidade da aprendizagem só é diferenciada nessa fase da vida, pois o envelhecimento biológico interfere na inteligência e em suas respostas ao contexto social. No entanto, eles não impediram que os idosos aprendessem e usassem TIC, etc., porque acreditavam que isso aumentaria sua probabilidade de socialização e aquisição de outros conhecimentos, apesar de alegarem o contrário. De fato, a capacidade de aprender está ligada à motivadores, e a população idosa tem vivido muitos discursos sobre suas deficiências ao longo dos anos. Os idosos são, assim, vítimas dessas reivindicações, muitas vezes tidas como verdades

inquestionáveis. (GUIMARÃES; RAMOS, 2012).

O envelhecimento é acompanhado por um declínio na capacidade de processar novas informações, o que está intrinsicamente ligado à redução da capacidade de memória, lentidão no processamento de informações e falta de concentração. Fatores genéticos e culturais influenciam o processo de envelhecimento, podendo ter efeitos positivos ou negativos. Os fatores biológicos são os que melhor revelam as limitações causadas pela velhice, pois indicam o estado de decadência da velhice. No entanto, entende-se que as limitações da velhice podem ser reduzidas em contextos socioculturais favoráveis que possam influenciar positivamente no processo de envelhecimento.

Sobre a diminuição da atenção, Faria Junior (2000) esclareceu que isso se deve ao fato de os idosos se distraírem mais facilmente e serem menos eficientes no processo de inibição, com o conseqüente aumento da intrusão de pensamentos, opiniões, experiências e sonolência. Além das dificuldades mencionadas acima, outros possíveis sucessos posteriores também devem ser considerados, decorrentes de desafios pessoais e sociais.

É importante compreender como se traduz o cotidiano do idoso na perspectiva da inclusão digital. Assim, no contexto da utilização das TIC pelos idosos, o processo de incorporação dessas tecnologias à vida cotidiana deve ser abordado considerando dois elementos essenciais: a importância social dessas tecnologias como meio para superar os desafios do cotidiano e a relevância pessoal da utilização dessas tecnologias. Essa interconexão estabelece a noção de objetivação, entendida como um fator crucial para a adaptação do indivíduo às demandas sociais. Conforme Guimarães (2002), a objetivação se manifesta no senso comum do dia a dia, criando as bases para a integração do indivíduo em uma sociedade específica, permeada por seus costumes, rituais, entre outros aspectos culturais.

Nesse cenário, os idosos contemporâneos se veem imersos em um ambiente desconhecido, no qual a incorporação da tecnologia os expõe a desafios diários que podem prejudicar a plena fruição de suas rotinas, restringindo-os às exigências tecnológicas da vida moderna. Portanto, é imperativo estabelecer espaços e grupos que os incentivem a adquirir o conhecimento necessário e aplicá-lo em sua vida cotidiana. Tal abordagem promove a maturidade no âmbito da vida diária e prepara os idosos para lidar com os desafios do cotidiano, capacitando-os a manter sua independência e, conseqüentemente, sua integração na sociedade. Dessa forma, o peso axiológico dessas conquistas deve ser internalizado pelos idosos, tendo em vista o seu desenvolvimento pessoal.

Os valores representam uma categoria ontológica social, sendo, portanto, de natureza objetiva, embora desprovida de objetividade natural. Tais valores são independentes de

avaliações individuais, mas decorrem de atividades e relações sociais, refletindo a expressão e os resultados dos contextos e situações sociais.

Os idosos precisam da oportunidade para vivenciar e desenvolver competências que os ajudem no seu dia a dia a ultrapassar o não rotineiro por se diferenciar do seu habitual. Nesse sentido, os idosos se deparam com inovações, se empenham em manter-se proativos, buscando superar e utilizar as inovações. Kachar (2003), afirmou em seu estudo que, como vivemos em uma sociedade tecnológica, o benefício da tecnologia da informação para os idosos é a distribuição do uso das TIC. Assim, diferentes formas de tecnologia estão inseridas desde as tarefas mais básicas até as mais complexas na vida dos idosos.

A vida contemporânea encontra-se profundamente entrelaçada com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). A presença ubíqua de dispositivos como rádios, televisões, computadores e telefones celulares permeia a rotina dos idosos, possibilitando-lhes compreender e comunicar-se com seus entes queridos. Conforme observado por Kachar (2003), cada vez mais indivíduos tornam-se dependentes de recursos eletrônicos, que passam a coexistir harmoniosamente no cotidiano de todos. Essas transformações se manifestam em diversos aspectos da vida em uma sociedade caracterizada pela presença da tecnologia.

Considerando o papel ativo desempenhado pelos idosos na vida cotidiana, a utilização das TIC assume um papel de extrema relevância para a concretização das atividades diárias frente às demandas sociais da sociedade contemporânea. A vida cotidiana, enquanto dimensão socialmente produtiva da existência, encontra-se intrinsecamente mediada pela tecnologia, o que fundamenta a proposta deste estudo de explorar o uso e as potencialidades das TIC no contexto dos idosos.

Conforme indicado por Luce, Thomaz e Estabel (2019), os idosos frequentemente experimentam incertezas no uso de plataformas digitais, seja para se informar sobre notícias ou para interagir em redes sociais, demonstrando que não podem ser considerados fluentes digitais. Os autores também apontam que esses receios podem comprometer a eficácia e a satisfação das experiências tecnológicas. No entanto, é imperativo que os idosos se mantenham engajados nas redes sociais, visando a desempenhar novos papéis na sociedade da informação.

De acordo com o Chaimowicz (2017), com o passar dos anos, o desgaste é inevitável, sabe-se que a velhice não é uma doença, mas sim uma fase na qual o ser humano fica mais suscetível a doença. Nesse sentido, para capacitá-los a utilizar as mídias de forma mais segura e prevenir que se tornem vítimas ou agentes na disseminação inadequada de notícias falsas, é fundamental que participem de programas de formação. Isso é particularmente relevante devido às dúvidas e preocupações dos idosos

acerca da identificação, confrontação e resposta a notícias falsas, tanto *online* quanto *off-line*. As implicações negativas da desinformação, em ambos os contextos, devem ser devidamente consideradas (LUCE; THOMAZ; ESTABEL, 2019).

3.2 A experiência da universidade da maturidade

Conforme a perspectiva de Silva (2005), os direitos inerentes aos idosos estão primordialmente vinculados ao domínio previdenciário e assistencial, não abrangendo plenamente o disfrute dos demais direitos sociais. O deduzido, de acordo com este princípio, refere-se à participação na comunidade, à salvaguarda de sua dignidade e bem-estar, e à asseguarção do direito à vida. Ademais, observa-se uma diferenciação na conduta a ser adotada pelo Estado, pela família e pela sociedade quando se trata da proteção das prerrogativas, priorizando, primariamente, crianças, jovens e adolescentes, e, em segundo plano, pessoas idosas.

A Carta Magna de 1988, em seu artigo 205, categoriza explicitamente a educação como um direito universal e uma responsabilidade do Estado e da família, devendo ser "promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, à sua preparação para o exercício da cidadania e à sua qualificação para o trabalho". Apesar de ser estabelecida como um direito de todos e um dever compartilhado entre o Estado e a família, observam-se discrepâncias na abordagem dessa prerrogativa quando se refere aos indivíduos idosos, afirmam (De Sousa, et. al, 2021).

Em 1994, foi promulgada a Política Nacional do Idoso, cujo propósito consiste em garantir os direitos sociais dos indivíduos idosos, estabelecendo condições para fomentar sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade (BRASIL, 1994). Sousa (2004, p. 124) assinala que a Política Nacional do Idoso "vem consolidar os direitos dos idosos já garantidos na Constituição Federal, apresentando modalidades de efetivação de instrumento jurídico capaz de prevenir a transgressão desses direitos e promover a proteção integral do idoso", tornando-se assim uma "norma norteadora da atuação governamental", ao consolidar "as novas demandas da sociedade brasileira para o atendimento da população idosa". A referência à educação está contemplada no Capítulo II (Dos Princípios e das Diretrizes), nestes termos:

Art. 10. Na implementação da Política Nacional do Idoso, são competências dos órgãos e entidades públicos: III – na área de educação: a) adequar currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais destinados ao idoso; b) inserir nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimentos sobre o assunto; c) incluir a gerontologia e a geriatria como

disciplinas curriculares nos cursos superiores; d) desenvolver programas educativos, especialmente nos meios de comunicação, a fim de informar a população sobre o processo de envelhecimento; e) desenvolver programas que adotem modalidades de ensino à distância, adequados às condições do idoso; f) apoiar a criação de universidade aberta para a terceira idade, como meio de universalizar o acesso às diferentes formas do saber (LEI 8.842, 1994).

A primeira referência normativa ao conceito de "Universidade Aberta para a Terceira Idade" é encontrada no artigo 10, inciso III, alínea "f", onde é mencionada como um "meio de universalizar o acesso às diversas formas do conhecimento". Historicamente, as primeiras instituições de ensino superior voltadas para a terceira idade foram estabelecidas na França em 1973, por meio das propostas do Professor Pierre Vellas, na Universidade de Toulouse (CACHIONI et al., 2016).

A Universidade da Maturidade (UMA-UFT) é um programa de extensão que surgiu com o objetivo de promover a integração e o desenvolvimento pessoal dos idosos. A proposta pedagógica visa melhorar a qualidade de vida da pessoa adulta e idosa, além de identificar o papel e responsabilidade da universidade em relação à terceira idade.

Esse projeto transformou minha vida em tudo, na educação, nos amigos. Aprendi a conviver, aprendi várias coisas que eu não sabia, principalmente o Estatuto do Idoso. A gente estudou e saiu da rotina de uma vida sedentária, de uma vida de comodidade que estava em casa. Me tornei mais ativa. É como se eu estivesse vivendo plenamente, Dona Margarida. (UMA-UFT, 2023).

A política de atendimento à vida adulta e ao envelhecimento humano tem por missão desenvolver uma abordagem holística, com prioridade para a educação, a saúde, o esporte, o lazer, a arte e a cultura, concretizando, desta forma um verdadeiro desenvolvimento integral dos alunos, buscando uma melhoria da qualidade de vida e o resgate da cidadania.

Idealizado como um projeto de extensão da UFT, a UMA atende hoje 800 alunos com idades acima de 45 anos em sete cidades tocantinenses (Araguaína, Dianópolis, Palmas, Paraíso do Tocantins, Porto Nacional, Palmeirópolis e Tocantínia), além do polo de Campo Grande, instalado em parceria com a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

A turma inicial contemplava 56 idosos, em Palmas. Nos 17 anos de atividades, 6.500 alunos já foram atendidos pelo projeto, conforme informações do site do programa.

Com aulas no período da tarde e encontros que vão de duas a três vezes semanais, a UMA trabalha sob duas perspectivas principais: educação em saúde na maturidade, com atividades voltadas para as questões de saúde e autocuidado, assistidas por equipes multiprofissionais; e educação ao longo da vida, abordando temas como direito do idoso, tecnologias do cotidiano e sustentabilidade. Para a efetivação da rotina de formação dos idosos, a UMA apresenta a seguinte estrutura curricular:

- Segunda-feira: Educação e Saúde
- Terça-feira: Educação Ambiental/Tecnologia/Direito do Idoso
- Quarta-feira: Aprendizado ao longo da vida (UMA-UFT, 2023).

No eixo: Educação Ambiental/Tecnologia/Direito do Idoso, apresentado na estrutura curricular fornecida pela instituição figura a terminologia ‘tecnologia’, contudo, não foi possível ter acesso às Ementas das disciplinas ofertadas, o que inviabiliza a crítica sobre a figuração do tema central da pesquisa dentro do curso.

Um dos objetivos da UMA é promover a integração dos idosos com os alunos de graduação, construindo um espaço de união entre as gerações e fortalecimento do respeito, em prol de uma sociedade mais justa e que respeite as diferenças.

Raimunda Amaro conta que foi incentivada pela família a ingressar na UMA e que passou a se sentir melhor desde que faz parte da Universidade (UMA-UFT, 2023)

A UMA-UFT, já esteve presente em outras cidades tocaninenses, além de estados como a Paraíba, Paraná, Amapá e Distrito Federal. Atualmente está prevista a expansão para os municípios tocaninenses de Cariri do Tocantins, Gurupi, São Sebastião do Tocantins e Tocantinópolis. O projeto é desenvolvido com recursos próprios oriundos de emendas parlamentares e trabalha também em parceria com as gestões municipais.

4 METODOLOGIA

Este trabalho desenvolveu-se por meio de pesquisa bibliográfica e documental; com observação direta e aplicação de questionários como técnicas de levantamento de dados. Trata-se de uma pesquisa aplicada, de caráter qualitativo que propôs como produto educacional resultante um caderno digital para professores de educação de idosos, fornecendo recursos e estratégias específicas para promover a alfabetização midiática aos facilitadores da educação de idosos, tendo como objetivo a orientação destes no trabalho de educação para a mídia. Utilizamos como sujeitos da pesquisa os idosos que frequentam a Universidade da maturidade (UMA) da Universidade Federal do Tocantins, tendo como marco temporal os alunos que entraram no ano de 2022 Assim, o lócus da pesquisa é a UMA- câmpus Palmas (UFT).

A pesquisa bibliográfica foi realizada buscando artigos, livros, periódicos e arquivos digitais de renomados teóricos e especialistas da área. Inicialmente se conduziu uma revisão abrangente bem projetada. Considerando que o tema deve ser claro e inequívoco, e a objetividade inicial permite uma análise direcionada e completa de todo o processo, levando a conclusões facilmente identificáveis e aplicáveis (MENDES et al., 2019).

A seguinte questão de investigação: Qual o perfil midiático de consumo de informações dos idosos que compõem a Universidade da Maturidade (UMA) - câmpus Palmas? Desdobrou-se em outras, que nortearam nossas inferências e interpretações de pesquisa, tais como: Através de quais plataformas esses idosos consomem estas informações? O que estes idosos fazem com estas informações? Quais ações podem ser tomadas para que estes idosos aprendam a usar as plataformas de forma mais crítica e consciente? Tais questões nos ajudaram a consolidar dados para que pudéssemos desenhar uma proposta metodológica de abordagem de alfabetização midiática, tendo como referência a relação dos idosos com as informações, com as notícias.

Como dito inicialmente, estudos que abordam temas como: *fake news*; os modos de informações dos idoso; as possibilidades de incluir socialmente as pessoas idosas; a inclusão digital e o empoderamento de idosos como seres capazes; cidadãos em condições de se posicionar com visão crítica frente aos problemas sociais, entre outros, nos instigaram a desenvolver essa pesquisa e a pensar em possíveis soluções. Assim, nosso objetivo foi, a partir da pesquisa, elaborar um caderno pedagógico, capaz de orientar professores e acadêmicos. Para isso nos debruçamos sobre os autores, sobre os documentos que abarcam a questão dos idosos e políticas públicas voltadas para eles e sobre nosso objeto de pesquisa: a Uma e os idosos (os sujeitos) que a frequentam. Todo o processo seguiu alguns passos, que descrevemos a seguir.

Logo após selecionado o tema e formuladas as questões de pesquisa, iniciou-se uma

busca na base de dados para identificar os estudos a serem incluídos na revisão (MENDES *et al.*, 2019). Dessa forma, as buscas de artigos foram realizadas por meio da base de dados *Science Electronic Library* (SCIELO), Portal da CAPES e Google Acadêmico.

Assim, para a seleção de artigos em bases de dados e sites do Governo Federal, a avaliação foi feita por meio da leitura de artigos que atendam aos seguintes critérios de inclusão: Artigos topicamente relevantes, artigos completos disponíveis em português e inglês, texto completo, abrangendo os descritores: "idosos", "alfabetização midiática" e "TICs".

Na sequência foram definidas as informações a serem extraídas dos estudos selecionados, utilizando instrumentos para coletar e sintetizar as informações-chave (MENDES *et al.*, 2019). Os artigos selecionados atenderam aos critérios de inclusão e questões norteadoras em que foram analisados, catalogados numericamente e organizados conforme ano de publicação. Inicia-se então a sistematização dos achados, levando em consideração o contexto do tema da pesquisa.

Outro passo dado, foi a leitura dos documentos de políticas públicas relacionadas aos idosos e do projeto UMA. Para conhecer melhor o lócus e os sujeitos da pesquisa, fizemos 04 visitas in lócus, identificando o espaço, as aulas, a estrutura e mantendo relações de proximidade com a direção e os alunos. A partir das anotações, realizadas nessas visitas, pudemos pensar no modo de abordagem dos alunos e nas questões a serem levantadas no questionário. Esta foi a etapa de observação, que compôs o conjunto de técnicas de levantamento de dados da pesquisa.

Assim, foi aplicado um questionário aos idosos da universidade. O questionário é uma metodologia de investigação que tem por objetivo coletar os dados de forma que o investigador motive através de perguntas o entrevistado a contribuir para a pesquisa (GHAZAL, 2012). Um questionário é um instrumento sistemático de coleta de informações para a composição de uma amostra de entidades para fins de construção de descritores quantitativos dos atributos da população maior da qual as entidades são membros. A palavra "sistemático" é deliberada e distingue significativamente as pesquisas de outras formas de coleta de informações (GHAZAL, 2012).

As perguntas do formulário foram geradas com base na problematização sobre o perfil midiático de consumo de informações dos idosos que compõem a Universidade da Maturidade (UMA). As perguntas tiveram por objetivo identificar o perfil e as vivências dos participantes em relação a consumo de notícias e uso de tecnologias. Esse tipo de mecanismo, empregado na pesquisa, suscita ao pesquisador maior abrangência de análise e legitimação das informações.

4.1 Abordagem metodológica e conceitos

Examinar as variáveis relacionadas ao perfil midiático de consumo de informações dos idosos que compõem a Universidade da Maturidade (UMA) - campus Palmas exige uma abordagem de pesquisa dinâmica que esteja firmemente enraizada na epistemologia qualitativa. Isso é necessário para garantir que os entrevistados em um estudo dessa magnitude e complexidade não sejam privados de suas visões subjetivas sobre os fenômenos que estão sendo estudados, enquanto a objetividade de todo o empreendimento de pesquisa é garantida. De acordo com esse pensamento, este estudo se baseia em uma abordagem de pesquisa de métodos mistos, que é explicada em detalhes nas seções a seguir.

A fidelidade do instrumento refere-se à maximização da adequação e/ou utilidade dos instrumentos usados no estudo. Para fins deste estudo, usou-se como instrumento: observação e questionário. O questionário para os idosos da UMA é apropriado na medida em que ajudou o pesquisador a solicitar informações tanto do perfil dos idosos como de suas formas de consumo de notícias e de suas dificuldades.

4.2 Desenho da Pesquisa

O desenho da pesquisa foi pautado em uma abordagem qualitativa utilizando questionário estruturado com perguntas fechadas para coletar dados demográficos e informações sobre o uso de mídia digital entre os idosos participantes. Além disso, incorporamos perguntas abertas no questionário, permitindo que os idosos expressassem suas opiniões e experiências em relação à alfabetização midiática de forma mais detalhada e rica.

Alves-Mazzotti e Gewandszajder (1999) observam que a pesquisa qualitativa tem como principal característica o princípio de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado.

Levando em consideração a natureza exploratória da pesquisa, foram adotados, para a investigação, sistematização e captação dos dados, os seguintes instrumentos de pesquisa:

- Fontes bibliográficas (teses, artigos científicos, periódicos, livros, entre outros). As diferentes fontes possibilitaram o aprofundamento teórico da pesquisa, facilitando a realização das demais etapas, sobretudo, da pesquisa em campo.
- Observação (registro em diário de campo)
- A aplicação de questionário com questões semiestruturadas, com perguntas fechadas e abertas.

4.3 Amostra

A amostra foi selecionada utilizando uma abordagem de amostragem intencional, com o objetivo de abordar os alunos matriculados em uma turma (2023). No total, foram incluídos 17 participantes com idades entre 65 e 77 anos, matriculados na UMA no ano de 2023.

4.4 Coleta de dados

A aplicação do questionário ocorreu em duas sessões. Optamos por uma coleta de dados presencial para que pudéssemos explicar sobre o propósito da pesquisa e auxiliar os participantes na resposta ao questionário. Garantimos a confidencialidade e anonimato das respostas, assegurando que os participantes se sentissem à vontade para compartilhar suas percepções e experiências de forma honesta. A coleta de dados também se deu por análise de documentos da UMA como a grade curricular e outros documentos. O questionário (Apêndice A), semiestruturado, composto por vinte e seis questões, foi aplicado no primeiro contato com os 17 participantes da pesquisa, em maio de 2023.

Visando obedecer às diretrizes éticas do sistema CEP-CONEP, que definem os procedimentos éticos relacionados às pesquisas científicas com seres humanos, sobretudo, as educacionais, foi disponibilizado aos convidados participantes da pesquisa, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após a leitura do documento e as dúvidas sanadas, foi assinado pelo convidado participante, em duas vias. Uma via recolhida pelo pesquisador mediador do estudo e a outra entregue ao colaborador.

Apesar de a informação estar contida no documento, após a confirmação do consentimento livre e esclarecido, garantiu-se, aos colaboradores, total confidencialidade e privacidade dos seus dados e a proteção da imagem, preservando a não utilização das informações em prejuízo das pessoas envolvidas. Além da relevância social da pesquisa com vantagens significativas aos participantes, sem qualquer tipo de prejuízo ou ônus, foi-lhes reservado o direito de desistir, a qualquer tempo, da pesquisa.

Uma das principais diretrizes éticas em pesquisa envolvendo seres humanos é a obtenção do consentimento informado dos participantes. Antes de iniciar a coleta de dados, os participantes foram devidamente informados sobre os objetivos, procedimentos, potenciais riscos e benefícios da pesquisa. Eles receberam explicações claras sobre sua participação voluntária e seu direito de retirar o consentimento a qualquer momento sem sofrer penalidades.

Primeira visita: na primeira visita à UMA, a pesquisa foi apresentada à direção da instituição. Foi explicado como o estudo poderia beneficiar os idosos matriculados, contribuindo para o desenvolvimento e capacitação deles na era digital. Foi enfatizada a importância da alfabetização midiática para uma participação ativa na sociedade contemporânea. O apoio à pesquisa foi demonstrado pela direção da UMA, que concordou com sua realização.

Segunda visita: a pesquisa foi apresentada aos idosos matriculados, explicando o propósito do estudo, que visava compreender como os idosos consumiam informações por meio da mídia e como isso impactou sua compreensão do mundo. Foi detalhado que o objetivo consistia em desenvolver um caderno digital para auxiliá-los a se tornarem mais críticos e proficientes no uso da mídia. A receptividade foi positiva, com muitos deles demonstrando interesse em participar do estudo ao responderem aos questionários. Houve colaboração e disposição por parte dos idosos em participar da pesquisa. No entanto, eles enfrentaram algumas dificuldades específicas ao responderem sobre as plataformas que utilizam, a veracidade das notícias, o acesso à informação e outras perguntas abertas.

A terceira visita: explicitamos novamente aos discentes o procedimento investigativo, enfatizando a potencial contribuição destes na oferta de dados relevantes e na participação efetiva no processo de pesquisa. Adicionalmente, elucidamos como o elaborado caderno digital se configura como um recurso educacional proveitoso para a totalidade dos estudantes, proporcionando auxílio em suas interações com meios de comunicação.

A abordagem metodológica na sua concepção e execução levou em consideração a participação e o envolvimento dos alunos como fatores cruciais. Desenvolvendo um instrumento de pesquisa que abordasse questões relacionadas à alfabetização midiática, incluindo o uso de mídia digital, a avaliação da veracidade das notícias e as habilidades de interpretação de mídia. Para garantir que o questionário fosse compreensível e relevante para os alunos, fizemos uma pré-teste com um grupo pequeno de estudantes, incorporando *feedbacks* para melhorar a clareza das perguntas.

Antes de aplicar o questionário, explicamos o propósito da pesquisa, destacando sua relevância para a área de estudo e a importância da participação voluntária. Também garantimos que eles soubessem que suas respostas seriam anônimas e confidenciais. Foram realizadas três sessões de aplicação em sala de aula, aproveitando o ambiente acadêmico e a conveniência para os alunos. Em vez de interromper as aulas, coordenamos com os professores para dedicar um tempo específico para a pesquisa. Durante essas sessões, explicamos brevemente o propósito da pesquisa mais uma vez e fornecemos instruções claras sobre como preencher o questionário.

Quarta visita: utilizada para aplicar os questionários com os idosos matriculados. Expliquei o procedimento da pesquisa e como eles poderiam ajudar. Durante essa visita, também coletei *feedback* sobre a ideia do caderno digital e como eles gostariam que fosse projetada para atender às suas necessidades específicas.

Essas quatro visitas representaram um processo essencial de envolvimento com a comunidade da UMA para realizar a pesquisa de maneira colaborativa e eficaz. Isso demonstra o compromisso em compreender e atender às necessidades dos idosos participantes e contribuir para seu desenvolvimento na era digital.

Sobre o suporte durante a aplicação do formulário, sabendo que as perguntas poderiam ser complexas, garantimos que estivéssemos disponíveis para responder a quaisquer dúvidas que os alunos tivessem durante a aplicação. Isso foi feito sem influenciar suas respostas, mas sim para esclarecer conceitos e garantir que eles compreendessem plenamente as perguntas. Por fim, agradecemos aos alunos por sua participação e solicitamos *feedback* sobre o processo de aplicação qualitativa descritiva e as questões do questionário. Além disso, reconhecemos sua contribuição com certificados de participação, destacando sua importância para a pesquisa.

Essa abordagem metodológica foi bem aceita pelos alunos, pois envolveu uma comunicação clara, apoio durante a aplicação e reconhecimento de sua participação.

4.5 Resultados e análise dos dados

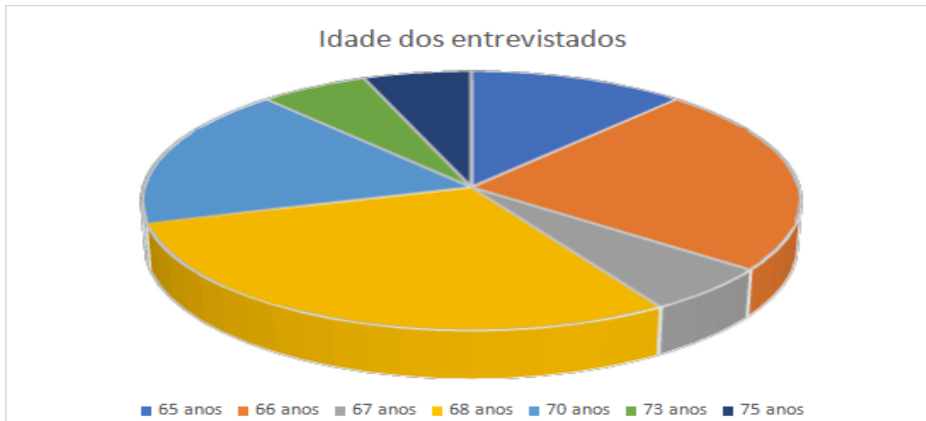
Nesta parte, apresentaremos a descrição e análise dos resultados obtidos na pesquisa sobre "Alfabetização Midiática de Idosos" realizada no campus Palmas da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

4.5.1 Características Demográficas dos Participantes

As características demográficas dos participantes, incluindo idade, sexo, formação acadêmica, estado civil e situação financeira são relevantes para a composição do estudo. Essas informações fornecerão um perfil dos idosos que participaram da pesquisa e contribuirão para contextualizar os resultados obtidos.

A Universidade da Maturidade aceita pessoas a partir de 45 anos de idade, porém a pesquisa foi realizada apenas com os participantes, com de 65 a 77 anos, como é possível verificar no gráfico 01:

Gráfico 1: Idade dos entrevistados

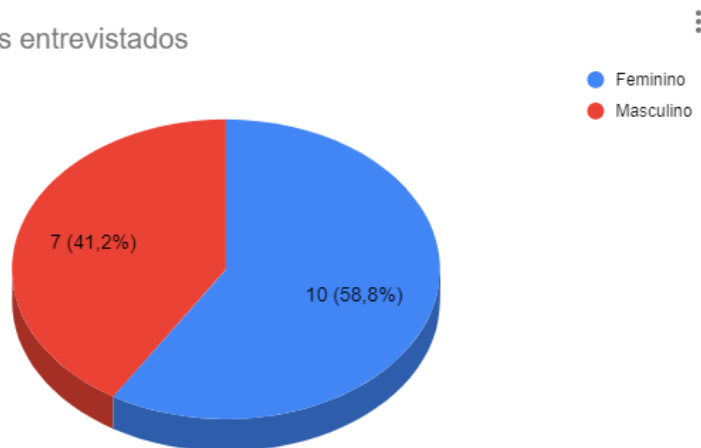


Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Prevaleceu o sexo feminino 64%. Quanto ao estado civil, 29% declararam ser divorciados, 29% viúvos, 21% em União Estável, 14% solteiros e 7% casados (Gráficos 2 e 3).

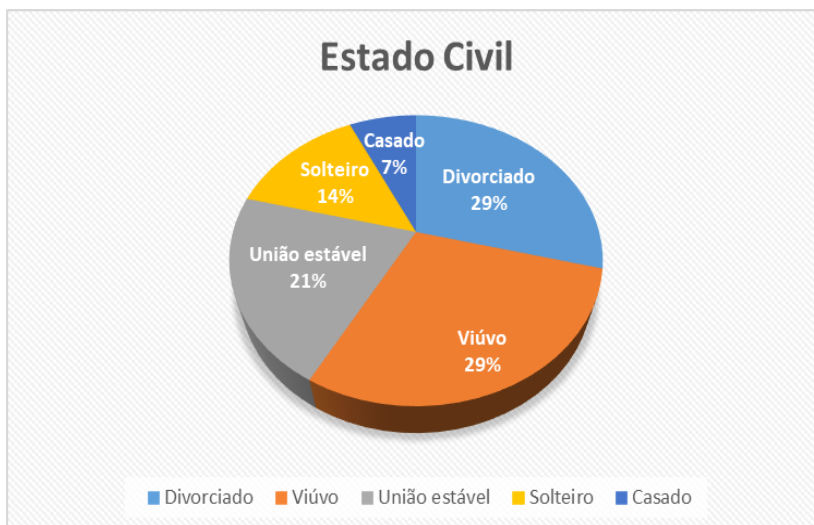
Gráfico 2: Sexo dos Entrevistados

Sexo dos entrevistados



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

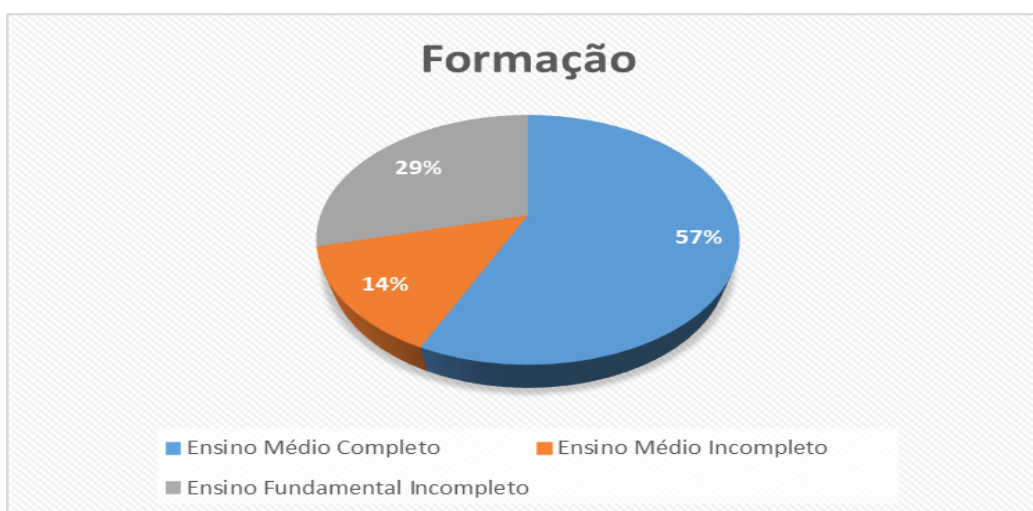
Gráfico 3: Estado Civil dos Entrevistados



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

A maioria dos entrevistados possui Ensino Médio Completo (57%), seguido por Ensino Fundamental Incompleto com 29% e 14% com Ensino Médio Incompleto (Gráfico 2).

Gráfico 4: Formação dos Entrevistados



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Quando perguntados com quem moram, 64% disseram que moram com a família e 36% moram sozinhos. Quando perguntados sobre como se sustentam, 71% responderam ser aposentados, 21% que dividem as despesas com o cônjuge e 8% dependem de filhos ou parentes. Por fim, 71% relataram ter residência própria e 29% disseram não ter residência própria.

De acordo com IBGE (2021), a razão de dependência, que relaciona a população inativa (crianças, adolescentes e idosos) à população economicamente ativa, é de grande importância para a calibragem das políticas públicas não só previdenciárias, mas também no campo da educação, saúde e trabalho. Com o aumento da participação absoluta e relativa dos idosos na população total, a razão de dependência (idosos) tende a aumentar quatro vezes de 2000 (13,1) ao valor projetado para 2050 (52,1), o que indica que a população em idade produtiva deve sustentar uma grande proporção de dependentes (BRASIL, 2021, p. 05)

Nos últimos anos, a condição dos idosos no contexto familiar tem se modificado. Quanto à situação conjugal, o número de idosos casados caiu de 55% em 2006 para 52% em 2020, enquanto os desquitados, divorciados e separados aumentaram, assim como os solteiros e viúvos. Além disso, cada vez mais os idosos têm se tornado a pessoa de referência da família, ou seja, aquela responsável pelas despesas com habitação, como aluguel, condomínio, entre outros custos. A porcentagem de pessoas com mais de 60 anos que são referência na família cresceu mais de 50% entre os anos de 2001 e 2015, tendo aumentado de 5,88% para 9,2% (BRASIL, 2021, p. 07).

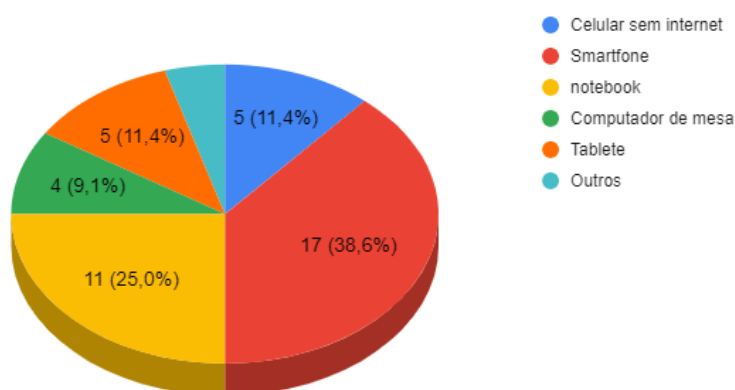
4.5.2_Uso de mídia digital e acesso à internet

Apresentaremos os resultados relacionados ao uso de mídia digital pelos idosos e o acesso à internet, buscando entender quais dispositivos eles utilizam com mais frequência (celulares sem internet, smartphones, computadores, tablets etc.) e a frequência com que acessam a internet. Também exploramos os canais mais utilizados para acesso à internet e a presença nas redes sociais. 100% disseram acessar a internet em algum momento.

O dispositivo eletrônico utilizado varia de acordo, até com o poder aquisitivo do usuário, contudo, o aparelho celular ainda é o mais utilizado para acessar a rede mundial de computadores pelos idosos da UMA, conforme gráfico 5.

Gráfico 5: Tipo de aparelho utilizado

Aparelhos utilizados pelos entrevistados



O uso do celular como o principal meio de acesso à internet pelas pessoas idosas é justificável quando se entende que os aparelhos portáteis possuem vantagens por serem utilizados em qualquer lugar, são fáceis de usar, pois são menos complexos que outras interfaces e não exigem infraestrutura com fio. Além disso, o custo financeiro é menor dessa tecnologia, comparado com outros dispositivos, e tem como comodidade estar utilizando a internet em sua própria casa (Diniz, et al. 2020, p.4)

Na sondagem percebemos que as experiências com mídias tradicionais - rádio e televisão – ainda são mais relatadas. Muitos idosos cresceram em uma época em que as mídias tradicionais, como jornais impressos, rádio e televisão, eram as principais fontes de informação. Como resultado, eles podem ter uma maior familiaridade frente a esses meios de comunicação.

De acordo com Diniz, et al. (2020), a TV foi a fonte preferida entre idosos do Sudeste e Centro-Oeste, e a internet entre idosos do Norte, Nordeste e Sul. Destaca-se esse fato quando se compara o nível de escolaridade, já que as regiões Norte e Nordeste são verificadas com a maioria dos idosos com apenas nível médio. Com relação ao acesso à internet, praticamente todos os idosos da região Nordeste e Sul acessam diariamente, comparados a cerca de 85% nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, e apenas 63,63% para idosos da região Norte. Além disso, a maioria destes também não acessaram por mais de duas horas (16,4%), algo que foi similar para a região Centro-Oeste, onde apenas 25,7% permaneciam por mais de duas horas conectados. Nas outras regiões do país, 40% ou mais dos idosos permaneciam por mais de duas horas na internet (Diniz, 2020, p. 4).

4.5.3 Fontes de informação e consumo de conteúdo

Aqui, descreveremos as fontes de informação mais utilizadas pelos idosos para se manterem atualizados (jornais, revistas, televisão, internet etc.). Abordamos sobre o consumo

de conteúdo *online*, incluindo o acesso a séries, filmes, notícias e outros tipos de mídia disponíveis em plataformas digitais. O resultado apontou para uma diversidade de preferências.

Gráfico 6: Tipo de material mais acessado

Plataforma de informação acessada

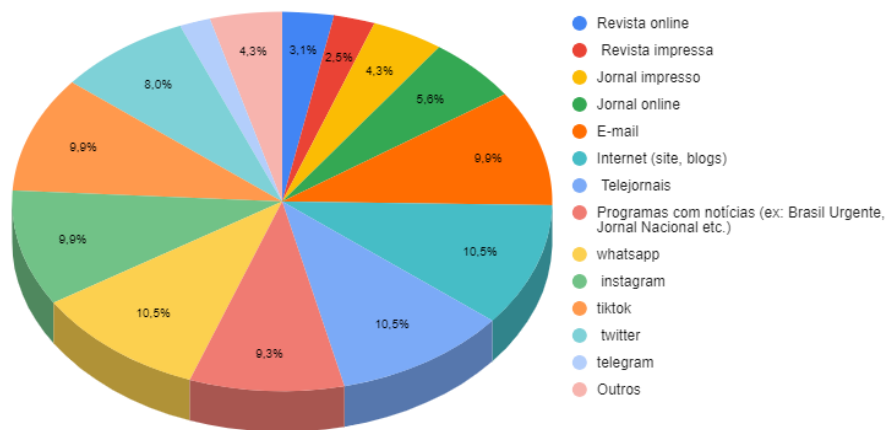
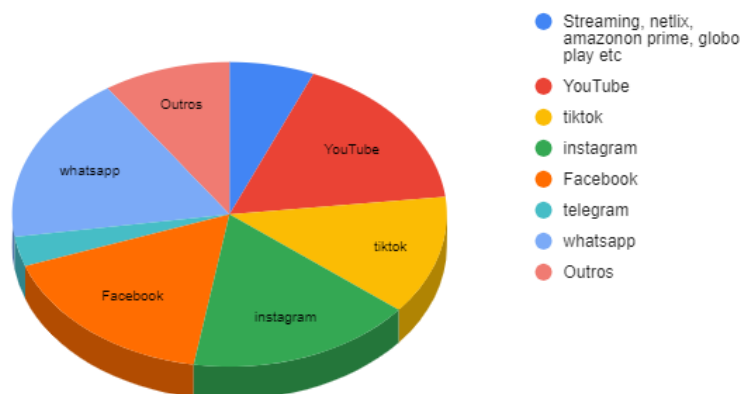


Gráfico 6: Tipo de aparelho utilizado

A plataforma digital mais utilizada pelos entrevistados foi o buscador do Google, tendo eles relatado que utilizam para se atualizarem das novidades juntamente com as redes sociais como Facebook e Whatsapp. A televisão, por meio das plataformas de *Streaming*, ainda pareceu ser um importante meio de comunicação e atualização para o grupo pesquisado.

Gráfico 7: Redes mais utilizadas

Plataformas utilizadas

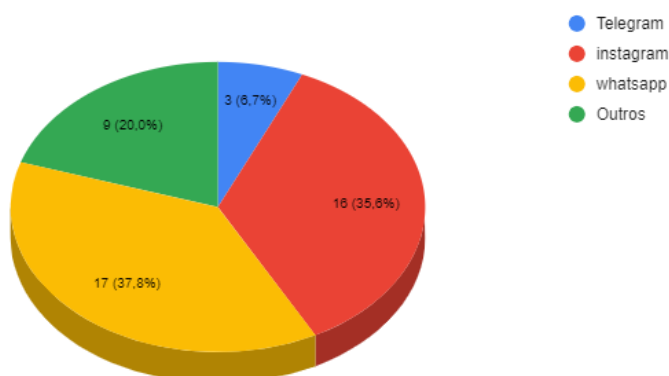


Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Assim como a grande a maioria da população, as redes sociais mais populares entre os idosos entrevistados, foram: WhatsApp com 37,8% seguindo de Instagram 35,6%, o que aponta para uma tendência, conforme Diniz (2020, p. 4), as justificativas para a escolha dessas redes sociais como parte dos critérios de inclusão dos participantes da pesquisa foram as seguintes: serem gratuitas para o usuário e bastante utilizadas por toda a população, independente da faixa etária; o potencial de suas ferramentas, com o intuito de fortalecer o conhecimento e/ou a aprendizagem de determinados assuntos; para o usuário, não há necessidade de expertise na criação do espaço ou formação para iniciar as atividades; e facilitam momentos de interações, independentemente de tempo e espaço em que se encontram os indivíduos. Nessa pesquisa os resultados apontam para essa tendência.

Gráfico 8: Plataformas de redes sociais

Redes sociais vinculados - Entrevistados



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

4.5.4 Percepções e Atitudes em relação à Alfabetização Midiática

Esta seção foi dedicada a analisar as percepções e atitudes dos idosos em relação à

alfabetização midiática. Exploraremos a confiança dos idosos em relação às notícias e fontes de informação, bem como suas habilidades para identificar notícias falsas e verificar a veracidade das informações.

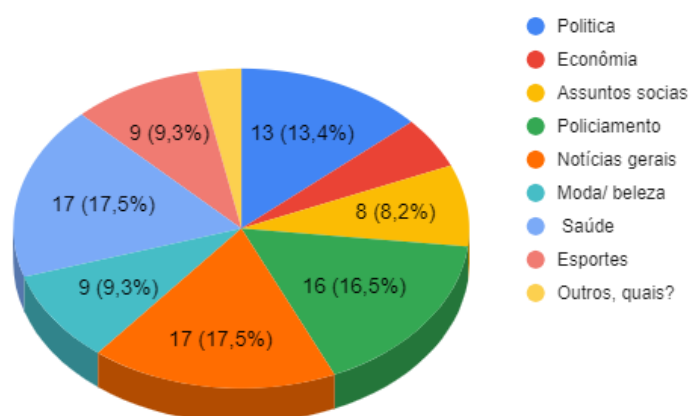
A maioria dos idosos demonstrou não se sentir seguro para utilizar fontes de informações digitais por terem dificuldades em discernir sobre os fatos verdadeiros e as *fakes news*. Atitude compreensível, haja vista, a quantidade de conflitos gerados socialmente por notícias falsas, ou fatos equivocados. Para Tiboni (2020, p.4), no contexto da pandemia, como há uma sobrecarga de informações, torna-se difícil controlar a qualidade e autenticidade delas, o que pode gerar o aumento no número de *fake news*. Esse processo, caracterizado como infodemia, foi reconhecido por agravar o contexto da pandemia da Covid-19, manifestando-se como um ciclo perigoso que pode acelerar e propagar a desinformação.

Em se tratando de alunos da Universidade da Maturidade, existe certamente uma certa compreensão coletiva em relação aos riscos associados às notícias falsas. Ainda segundo Tiboni (2020, p.4), existem diversas explicações para o amplo compartilhamento de notícias falsas, e as principais incluem falta de conhecimento técnico-científico e baixa análise crítica sobre a veracidade de um conteúdo.

Quando questionados sobre o tipo de notícias de preferência, os idosos apontaram dois aspectos que se destacam nos resultados: notícias em geral e saúde, com 17,5% os dois quesitos, seguidos de política e policiamento.

Gráfico 9: Assuntos mais acessados

Preferência de notícias



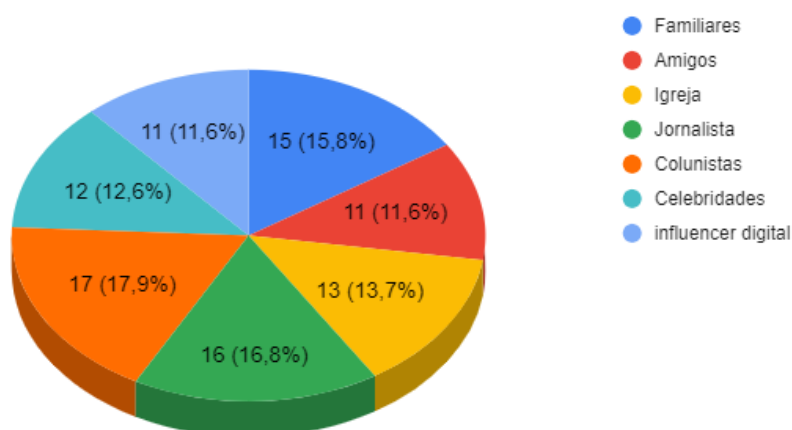
Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Quando questionados se confiam nas plataformas de notícias 50% apontaram confiar em jornais impressos, enquanto 50% disseram telejornal, o que confirma o uso da TV e jornais impressos com uma prevalência entre pessoas velhas.

Próximo a 32% afirmaram confiar em notícias advindas de jornalistas. Somados, temos que quase 25% dos entrevistados confiam na imprensa. No entanto, houve uma diversidade de possibilidades de confiabilidade nas fontes de notícias, conforme gráfico 10, chamando atenção os dados sobre confiança em familiares (15,8%), igreja (13,7%) e celebridades (12,6%). Se somarmos esses números, a confiança em fontes não jornalísticas é bem maior do que nós profissionais da imprensa.

Gráfico 10: Fontes de informação

Perfil de confiança quanto as notícias



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Os entrevistados quando questionados sobre a dificuldade encontrada para adquirir informação por plataformas digitais. A maioria, ou seja, 41,5% apontaram o medo de serem expostos em redes sociais, seguidos de 36,6% que disseram desconfiar das fontes de informação. Para Tiboni (2020, p.4), combater a desinformação nas redes se torna necessário, e, para tanto, já há providências como a iniciativa da OMS de compartilhar notícias por meio de redes sociais populares como Whatsapp, Facebook Messenger e Apple Business Chat, além do próprio Ministério da Saúde que, de forma inovadora, disponibilizou um número de WhatsApp para receber informações virais, que são apuradas pelas áreas técnicas e respondidas oficialmente quanto à veracidade.

Gráfico 11: Dificuldades apresentadas para acessar informações

Dificuldade encontra para adquirir informação por plataformas digitais



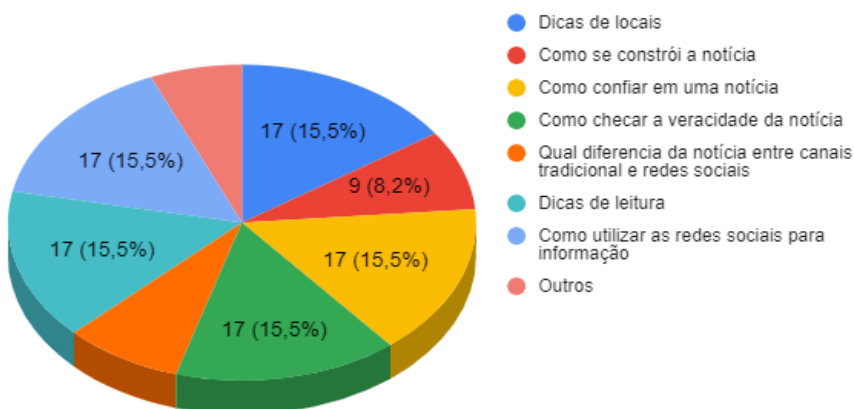
Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

4.5.5 Sugestão de material educativo sobre o tema

A pesquisa buscou saber sobre a percepção dos idosos quanto a um possível material educativo que abordasse o tema em questão, por meio da pergunta: se você tivesse acesso ao caderno digital que trouxesse orientações para acessar notícias, o que gostaria de encontrar? Indicaram diversos temas para a composição de caderno para letramento em tecnologias da informação com foco na pessoa idosa, tais como: dicas de locais; como se constrói a notícia; como confiar na notícia, dentre outros demais assuntos que serão considerados no momento de elaboração do caderno. Para ilustrar a informação segue o gráfico 11:

Gráfico 12: Sugestões de assuntos para o caderno

Sugestões dos entrevistados para construção do caderno digital



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

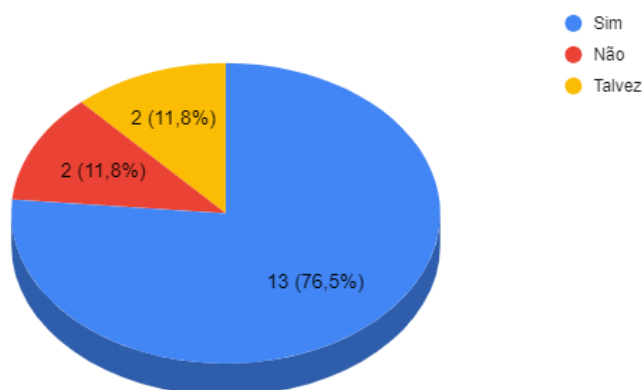
Para 100% dos entrevistados é muito relevante a produção de material com foco nesse

público-alvo. Para Diniz, et. al. (2020, p.6), o uso de TIC com objetivo de ensino e aprendizagem ainda é um desafio entre idosos. Nesse sentido, estudo realizado recentemente indicou que os idosos não possuem habilidades digitais e que existem sistemas de apoio limitados, sendo investigado como os idosos percebem suas próprias habilidades digitais, quais barreiras enfrentadas e que sistemas de suporte social e institucional existem para alcançar maior alfabetização digital.

Os idosos responderam sobre a motivação em aprender mais sobre o assunto, relativo à produção de notícias e as ferramentas que são utilizadas para tanto, 76,5% se sentem disponíveis em aprender mais sobre, conforme se verifica no gráfico 13.

Gráfico 13: Interesse em aprender a produzir notícias

Interesse por produção de notícias

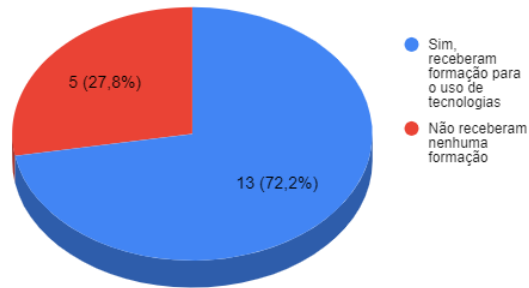


Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

A questão que finalizou a pesquisa está relacionada à formação quanto ao uso das tecnologias digitais, eles responderam em expressiva maioria que recebem essa formação no curso da Universidade da Maturidade, ou seja, 72,2% apontam para essa afirmativa.

Gráfico 14: Formação para o uso de tecnologias

Formação sobre o uso de tecnologias



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

A pesquisa desenvolvida servirá como subsídio teórico para a elaboração do Caderno, conforme citado na metodologia apresentada. Recomendam-se, portanto, novas pesquisas de abordagens mistas que possam aprofundar o universo da utilização da internet pelos idosos, tais como as informações compartilhadas, os links mais acessados, as repercussões sociais e na saúde após a utilização da internet.

Atender à crescente demanda por informação das pessoas é um desafio que as plataformas de Tecnologia da Informação vêm suprindo ao longo do desenvolvimento de ferramentas e plataformas digitais, cada vez mais afeitas à exigência de grupos e parcelas da sociedade. Isto coloca pessoas velhas, ou idosas, como são mais comumente classificadas, como um dos grupos de interesse na produção de conteúdo disseminado por essas plataformas, chamadas de redes sociais, mídias digitais

Contudo, no desenvolvimento da pesquisa verificou-se que existe uma lacuna de conteúdo e informações que considerem essa parcela, considerável, da sociedade, tornando-os vulneráveis por vezes a acontecimentos perigosos e danosos até mesmo para a saúde mental do idoso.

Em resposta ao objetivo proposto pelo estudo do presente trabalho: traçar o perfil midiático de consumo de informações dos idosos que compõem a Universidade da Maturidade (UMA) - câmpus Palmas para propor um caderno digital como material metodológico/didático com fins à alfabetização midiática de pessoas idosas, quando se tem um perfil elaborado por meio do estudo que aponta que a grande maioria dos entrevistados temem ser vítimas de notícias falsas, as famosas *fake news*, é possível observar a necessidade de produzir material que atenda esse abismo de informação para esse grupo, capaz de produzir certa segurança ao manejar as ditas ferramentas.

Interessa que se aponte o importante papel de prestação de serviço que parte das notícias e matérias veiculadas nas redes sociais prestam para pessoas idosas, como as informações relativas à saúde, pensando que ao acessarem entretenimento, também estão cuidando da saúde mental, informações como essas levam a confirmação da ausência de material com a finalidade de promover o letramento midiático para as pessoas dessa faixa etária, o que justifica, sobremaneira a produção de material didático para atender essa finalidade.

A produção de um Caderno atua para reparar, ainda que minimamente, essa ausência, ainda que maneira muito localizada, pensando apenas nos alunos e professores da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT), mas que possa servir como material de pesquisa, suficiente para tirar dúvidas e gerar certa segurança no momento de utilizar as plataformas digitais e os seus diferentes usos.

Finalmente, a partir da vivência experimentada, vislumbra-se a possibilidade de contemplar no futuro a reflexão acerca da constituição de um cenário digital que disponha de dados seguros e confiáveis na área da educação destinados à população idosa. Esse ambiente seria fundamentado em evidências, promovendo, ao mesmo tempo, iniciativas mais acessíveis,

inclusivas e direcionadas a esse grupo que está em ascensão no universo *online*. Tudo isso deve levar em conta as limitações dessa parcela da sociedade, garantindo que o acesso às informações nesses meios contribua para um processo de envelhecimento ativo e saudável.

SEÇÃO 2

1 – APRESENTAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL - NAS ONDAS DA SABEDORIA DIGITAL: UM CADERNO DE EDUCAÇÃO MIDIÁTICA DE IDOSOS.

Nesta seção, apresentamos nosso produto educacional, como resultado da nossa pesquisa, junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação pela UFT, orientado pela Profa. Dra. Marluce Zacariotti.

Caderno Digital para alfabetização midiática

O Caderno Digital foi projetado com uma estrutura clara e intuitiva, facilitando o acesso à informação e tornando fácil a compreensão e aplicação dos conceitos abordados. Isso é especialmente importante para idosos que podem sentir dificuldades em entender o funcionamento das ferramentas digitais, criando uma barreira na hora de compartilhar informações na era digital.

Além disso, o caderno digital é uma ferramenta altamente acessível e eficiente, que permite ao usuário acessar seus conteúdos em qualquer lugar, a qualquer hora, por meio de computadores, *smartphones* ou *tablets*. Com isso, a UMA-UFT pode levar a alfabetização midiática para um público cada vez mais amplo e transformar a maneira como as pessoas se relacionam com a informação.

O resultado da pesquisa aplicada o caderno apresenta uma organização que busca refletir os achados da pesquisa, em resposta aos apontamentos dos alunos da Universidade da Maturidade. Reproduzindo uma tendência recorrente, os idosos usam o aparelho celular com mais frequência para acessar a rede mundial de computadores. O rádio e a televisão ainda são veículos de informação relevantes para o grupo, objeto da pesquisa.

Quanto ao consumo de conteúdo, referência ao apurado pela pesquisa, a plataforma digital mais utilizada pelos entrevistados foi o buscador do Google, tendo eles relatado que utilizam para se atualizarem das novidades juntamente com as redes sociais como Facebook e Whatsapp. A televisão, por meio das plataformas de *Streaming*, ainda pareceu ser um importante meio de comunicação e atualização para o grupo pesquisado.

Assim o sumário do produto se apresenta conforme a figura a seguir:

Sumário

APRESENTAÇÃO	4
INTRODUÇÃO	5
PÚBLICO DE INTERESSE	9
Professores envolvidos na alfabetização	9
CARO FACILITADOR	10
E agora, o que fazer?	12
Fake?	13
A fonte é confiável?	13
ORIENTAÇÕES AOS DOCENTES	14
Quando se pensa em alfabetização midiática de idosos é importante levar em consideração os seguintes pontos	19
DICAS DE LEITURA	26



Os cadernos podem ser considerados um documento pedagógico que se distingue de um documento prescritivo, pois exige o protagonismo do professor relacionado à sua tomada de decisão quando articula, em seu planejamento, as proposições desse material ao contexto e as características dos estudantes de sua comunidade escolar. Neste sentido, ao elaborar o caderno teve-se a preocupação em refletir os questionamentos dos entrevistados, para oferecer aos professores um material capaz de auxiliar na produção de conteúdo que responda às principais dúvidas.

O caderno

Esse caderno é um produto da pesquisa intitulada: “EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E CIDADANIA: DO DIREITO À INFORMAÇÃO À PARTICIPAÇÃO CRÍTICA DO IDOSO NA SOCIEDADE” que visou traçar o perfil midiático de consumo de informações dos idosos que compõem a Universidade da Maturidade (UMA) - campus Palmas para propor um caderno digital como material metodológico/didático para a alfabetização midiática de pessoas idosas. Os dados arrolados permitem concluir que os idosos se sentem inseguros, tanto para buscar notícias, como para usar as redes sociais e plataformas digitais, e necessitam de auxílio para evitar serem vítimas de golpe ou fake News.

Poensa-se que o caderno digital, enquanto produto educacional, dialogue com o objeto de investigação da pesquisa ao propor e incentivar a utilização de estratégias pedagógicas nos formatos digital e virtual, possibilitando seu acesso, por meio de dispositivos fixo e móvel, configurando-se, como a melhor opção, de produto educacional, para este estudo. Segundo Torres (2015) a elaboração de cadernos, quando contextualizados e com objetivos concretos, estimula a capacidade de interação e informação social.

A pesquisa teórica que ofereceu suporte à preparação do caderno é resultado de um mergulho em diversos materiais pedagógicos, frutos de pesquisas acadêmicas, e ainda, em fontes de pesquisa para a preparação de material pedagógico do ensino básico, que vem lidando com problemas semelhantes aos identificados.

Foco no material

De acordo com Abad Alcalá (2019) os materiais educacionais devem ser claramente estruturados, aumentando gradualmente em complexidade sem fornecer demasiada informação em cada sessão, o que também apoia as habilidades cognitivas das pessoas idosas. Os mais velhos também gostam de aprender através da interação social, especialmente se seus níveis de habilidade forem os mesmos, mas neste aspecto, o tamanho dos grupos não deve ser muito grande, e grupos pequenos são preferíveis.

Deve haver um certo grau de sensibilidade na educação para a mídia das pessoas mais velhas porque pode haver um longo período de tempo entre a última vez que as pessoas mais velhas estudaram ou, devido aos estereótipos prevalentes, seu próprio interesse, motivação ou desejo de aprender a alfabetização para a mídia pode não ser alto. De acordo com Abad Alcalá (2019) o estágio inicial deve envolver experiências positivas e bem-sucedidas para promover o compromisso e evitar frustração e abandono. A atmosfera deve ser positiva e respeitosa, o que é substancialmente enfurecido pelo instrutor e sua capacidade de proporcionar ao aprendiz uma atmosfera segura.



A linguagem é dialógica, promovendo uma conversa descontraída com o leitor, levando-o a ingressar nos temas e instigando a pesquisa por meio de *links* e dicas de páginas que podem oferecer dicas de abordagem aos diferentes temas.

Dicas de filmes/séries



Viver duas vezes – O filme espanhol conta a história de Emilio, ex-professor universitário de matemática. Quando é diagnosticado com Alzheimer, o idoso e sua família resolvem partir em busca do seu grande amor de infância. Emilio conta com a ajuda da neta e da tecnologia para localizar a mulher por quem se apaixonou antes que a doença avance. O drama é uma história sobre amor, família, escolhas da vida e traz bons momentos de comédia.

Com uma abordagem profissional e educativa, o Caderno Digital foi elaborado pensando no público-alvo, trazendo conteúdos importantes, além de uma linguagem adequada e acessível. Incluído no Caderno, há uma série de conteúdos que visam ampliar o conhecimento sobre a alfabetização midiática. Considerando que o material elaborado atende a essas premissas apontadas nos resultados da pesquisa, a expectativa é que ele possa se transformar em uma ferramenta de auxílio aos professores da UMA, servindo como um manual para consulta.

O caderno é um produto inovador, desenvolvido com o intuito de orientar professores da UMA-UFT a compreenderem a importância da alfabetização midiática. O objetivo do produto é proporcionar aos usuários o conhecimento necessário para realizar a alfabetização midiática de idosos. Como um reflexo dos resultados da pesquisa, buscou-se pautar os temas no que foi indicado pelo público de interesse, quais sejam: dificuldades quanto ao uso de mídia digital e acesso à internet; fontes de informação e consumo de conteúdo; percepções e Atitudes em relação à Alfabetização Midiática, dentre outros revelados pela realização do estudo.

REFERÊNCIAS

ABAD ALCALÁ, L. Media literacy among the elderly. In R. Hobbs & P. Mihailidis (Eds.), **The international encyclopedia of media literacy**, 2 volume set (pp. 763–768). Wiley Blackwell, 2019.

ALMEIDA, M. E. Bianconcini. **Tecnologias e currículo: trajetórias convergentes ou divergentes?** São Paulo: Paulus, 2010.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Currículo e narrativas digitais em tempos de ubiquidade: criação e integração entre contextos de aprendizagem. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 25, n. 59/2, p. 526-546, mai./ago. 2016.

ALMEIDA, I. de; CARVALHO, L. J.; GUIMARÃES, C. R. P. Recursos midiáticos no Ensino de Ciências e Biologia. **Scientia Plena**, [S. l.], v. 12, n. 11, 2016.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. de; SILVA, M. das G. M. da. Currículo, tecnologia e cultura digital: espaços e tempos de web currículo. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v. 7,

ALVES, A. O Instagram no Processo de Engajamento das Práticas Educacionais: a dinâmica para a socialização do ensinoaprendizagem. *Rios Eletrônica (Fasete)*, [S.l.], v. 12, p. 25-43, 2017

ANDERSON, M., PERRIN, A. **Tech adoption climbs among older adults**. Pew Research Center. <https://www.pewinternet.org/2017/05/17/tech-adoption-climbs-among-older-adults/> 2017.

BALLESTA, J.; SÁNCHEZ-NAVARRO, J. Social Media Education for Older Adults: Promoting Critical Thinking and Online Participation. **Revista de Comunicación de la SEECI**, 48, 33-45, 2019.

BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2009. 101 p. BÉVORT, E; BELLONI, M. L. Mídia-Educação: conceitos, história e perspectivas. **Educação & Sociedade**, v. 30, p. 1081-1102, 2009.

BENTO, Maria Cristina Marcelino; CAVALCANTE; Rafaela dos Santos. Tecnologias móveis em Educação: o uso do celular na sala de aula. **ECCOM**, v. 4, n. 7, jan./jun. 2013.

BONIN, Jiani Adriana. **Questões metodológicas na construção de pesquisas sobre apropriações midiáticas**. In: MOURA, Cláudia Peixoto; LOPES, Maria Immacolata Vassallo. *Pesquisa em Comunicação: Metodologias e práticas acadêmicas*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2016.

BRADEN, R. A. (2017). Technology and Aging: Potential Benefits and Challenges of Older Adults' Use of Technology. *Journal of Rehabilitation Research and Development*, 54(3), vii-xii.

BUCKINGHAM, D. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 35, n. 3, 2005.

CACHIONI, M. et al. Brazil. In: FINDSEN, Brian et al. (Eds). *International Perspectives on Older Adult Education: Research, Policies and Practice*. Suíça: Springer, 2016.

CARDOSO, T. F. L. **Sociedade e desenvolvimento tecnológico: uma abordagem histórica**. IN: GRINSPUN, M. P. S. Z. (Org.). Educação Tecnológica –Desafios e Perspectivas. São Paulo: Cortez, 1999

CASARIN, H. C. S. **Competência informacional e midiática e a formação de professores de ensino fundamental: um relato de experiência**. Revista brasileira de biblioteconomia e documentação, São Paulo, v. 13, p. 301-321, 2017.

CUNHA, D. E. **Políticas públicas educacionais: a Alfabetização Midiática e Informacional no Brasil até 2017**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Uberaba – UNIUBE, Uberaba, p. 113. 2018.

DE SOUSA, Domingas Monteiro. Et, Al. **Educação e aprendizagem ao longo da vida: uma prática educativa na universidade da maturidade**. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.7, n.1, p. 10864-10877 Jan. 2021.
<file:///C:/Users/Usuario/Documents/OMNIA/Nova%20pasta/admin,+742.pdf>

DINIZ JL, ET AL. *Digital inclusion and Internet use among older adults in Brazil: a cross-sectional study*. Rev Bras Enferm. 2020;73(Suppl 3):e20200241. doi:
<http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0241>

FERRARI, A. C.; MACHADO, D.; OCHS, M. **Guia da Educação Midiática**. 1ed. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020. 164 p.

FERREIRA, V. L.; GIRARDELLO, G. Um olhar intercultural para a mídia-educação: diferenças e desigualdade nos contextos de acesso às mídias. **Pedagógica: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE**, Chapecó, v. 21, n. 1, p. 131-153, 2019.

FINDSEN, B. *Freirean philosophy and pedagogy in the adult education context: The case of older adults' learning*. *Studies in Philosophy and Education*, 26(6), 545–559, 2011.

FREIRE, Paulo; PAPERT, Seymour. **O futuro da escola**, 1995.

FREIRE, V. P.; CARVALHO, D. B. N. de; NOBRE, L. M. **Alfabetização em mídia e informação: reflexões e perspectivas para construção da cidadania digital**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO - SIMEDUC, 8, 2017, Aracaju. Anais Simeduc, v. 8, p. 1-27.

FREITAS, H. C. L. De; PY, A. A formação de professores no Brasil: 10 anos de embate entre projetos de formação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, p. 136-167, 2016.

FREITAS, J. P.; FERRARI JÚNIOR, J. C. **Importância da sistematização dos conceitos educomunicação, TIC's e mídias na organização curricular escolar**. In: SOARES, I. O.;

VIANA, C.; XAVIER, J. B. Educomunicação e alfabetização midiática: conceitos, práticas e interlecuções. São Paulo, SP: ABPEducon, 2016. p. 50-70.

GASQUE, K. C. G. D. **Comportamento dos professores da educação básica na busca da informação para formação continuada.** Ciência da Informação, Brasília, v. 32, p. 54-61, 2010

GASQUE, K. C. G. D. **Letramento informacional:** pesquisa, reflexão e aprendizagem. 2015. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2015. 183 p.

GILSTER, P. *Digital Literacy*. San Francisco, CA: John Willey & Sons, 1997. 276 p.

GUESS, A.; NAGLER, J.; TUCKER, J. *Less than you think: Prevalence and predictors of fake news dissemination on Facebook.* *Science Advances*, 5(1), 2019.

HARGITTAI, E., & Shafer, S. (2006). *Differences in actual and perceived online skills: The role of gender.* *Social Science Quarterly*, 87(2), 432-448.

HOBBS, R., JENSEN, A. *The past, present, and future of media literacy education.* *Journal of Media Literacy Education*, 1(1), 1-11, 2009.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2020, novembro). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

HOBBS, R. **Digital and media literacy:** A plan of action (A white paper on the digital and media literacy recommendations of the Knight Commission on the Information Needs of Communities in a Democracy). The Aspen Institute, Communications and Society Program, 2010.

JIN, B.; KIM, J.; BAUMGARTNER, L. M. Informal learning of older adults in using mobile devices: A review of the literature. *Adult Education Quarterly*, 69(2), 120–141, 2019.

KEATING, S. B., & Mirus, G. R. (2018). Media Literacy in the Digital Age: *Literacy Projects and Organizations for Adults and Seniors.* *Journal of Media Literacy Education*, 10(3), 55-73.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.** 9. ed. Campinas: Editora Papirus, 2012. 141p.

KOLTAY, T. The level of digital competencies for the provision of smart information service at academic libraries in Jordan. 2011, p. 3-7

LIMA, G. P. S.; ORNELAS, M. M.; COSTA, G. A.; SANTOS, L. C. **Desafios e reconstruções dos professores de Biologia durante a pandemia: um relato de experiência.** In: SEMINÁRIO GEPRÁXIS, 14., 2021, Vitória da Conquista – BA. Anais [...] Vitória da Conquista: UESB, 2021, p. 1-10

LIVINGSTONE, S., HELSPER, E. Gradations in digital inclusion: *Children, young people and the digital divide.* *New Media & Society*, 9(4), 671-696.

LIVINGSTONE, S., Haddon, L., Görzig, A., & Ólafsson, K. (2011). *Risks and safety on the internet: The perspective of European children:* Full findings and policy implications from

the EU Kids Online survey of 9–16-year-olds and their parents in 25 countries. EU Kids Online.

LOPES, A. C. **Competências na organização curricular da reforma do ensino médio.** Boletim.Técnico Do Senac, [S. l], v. 27, n. 3, p. 2-11, 2014.

MEDIASMARTS. (2021). Media Literacy for Older Adults: Facilitator's Guide. **Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino.** Rev. Diálogo Educ., v.17, n.52, p.455-478, 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.7213/1981-416X.17.052.DS07>

MORAN, José. **Gestão educacional e tecnologia.** Campinas, SP: AVECAMP, 2003. n. 1, abril. 2011.

NASCIMENTO, F.; PATRIZZI, H. L.; OLIVEIRA, V. M. **O ensino de Ciências no Brasil: história, formação de professores e desafios atuais.** Revista histedbr on-line, Campinas, SP, v. 10, n. 39, p. 225–249, 2012.

OFCOM. *Adults' media use and attitudes: Report 2019.* https://www.ofcom.org.uk/data/assets/pdf_file/0021/149124/adults-media-use-and-attitudes-report.pdf

OLIVEIRA, H. L. G. **Políticas de formação de professores no Brasil: referenciais legais em foco.** Proposições, Campinas, v. 30, p. 1-26, 2019

PÉREZ-TORRES, V., & Monroy-Hernández, A. (2016). *Media literacy in the margins.* Proceedings of the 2016 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems, 2973- 2985.

SANTAELLA, Lúcia. **Desafios da ubiquidade para a educação.** Revista Ensino Superior. ed. 04 abr. 2013. São Paulo: Unicamp, 2013. Disponível em: <http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/> Acesso em 25 set. 2022.

SANTOS, E. O. **Cibercultura: o que muda na Educação.** São Paulo: Editora Abril, 2011

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. São Paulo-SP: Cortez Editora, 2007. v. 1. 304 p.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa.** 7ed. São Paulo: Loyola, 2014.

SILVA, M. O. C. de.; GOMES, F. C. **Tecnologias e mídias digitais no contexto escolar: uma análise sobre a percepção de professores.** In: XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 12 ed., 2015, Curitiba, PR. **Anais [..].** Curitiba; Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2015.

SOARES, I. de O. **Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação.** In: MACEDO, A. X. N.; PIRES, D. U. B. S.; ANJOS, F. A. dos. [Orgs.]. Educação para a Mídia. 1. ed. Brasília: Ministério da Justiça. Secretaria Nacional da Justiça, 2014. p. 23-38

SOUSA, Ana Maria Viola de. **Tutela jurídica do idoso: a assistência e a convivência familiar.** São Paulo: Alínea, 2004.

TIBONI, Marcela. ET AL. **Desafios das Fake News com Idosos durante Infodemia sobre Covid-19: Experiência de Estudantes de Medicina.** REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MÉDICA | 44 (sup.1) e0140, 2020

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação.** São Paulo. Cortez Editora, 2ª Edição, 1997.

UNESCO. **Alfabetização Midiática e Informacional:** currículo para a formação de professores. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013, 194 p. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000220418>.>

UNESCO. **Alfabetização Midiática e Informacional:** Diretrizes para a Formulação de Políticas e Estratégias. Brasília: UNESCO, Cetic. br, 2016a. 204 p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000246421> .

UNESCO. **Marco de Avaliação Global da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI):** disposição e Competências do País. Brasília: UNESCO, Cetic. br. 2016b. 138 p. 163 Disponível em: <https://nic.br/media/docs/publicacoes/8/246398POR.pdf>.

UNESCO. **Media and Information Literacy:** cinco leis de alfabetização midiática e informacional, 2017. Disponível em: http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/Events/milfive_1_ws_portuguese.png/.

VALENTE, J. A. ALMEIDA, M. E. B. de. **Tecnologias e educação: legado das experiências da pandemia COVID-19 para o futuro da escola.** PSI, nº 2, junho, 2022.

VALENTE, J.A.; BIANCONCINI DE ALMEIDA, M.E.; FLOGI SERPA GERALDINI, A. YTRE-ARNE, B. (2015). *What's in a story? Exploring elderly users' reading experiences across media platforms.* Communications, 40(4), 435-455.

VON FEILITZEN, C. **Educação para a Mídia na perspectiva das crianças e adolescentes** [entrevista concedida]. In: MACEDO, A. X. N.; PIRES, D. U. B. S. ANJOS, F. A. dos; Educação para a mídia. 1. ed. Brasília: Ministério da justiça. Secretaria Nacional da Justiça, 2014. p. 14-22. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seusdireitos/classificacao-1/volume-5v2.pdf>.

VROMAN, K. G., ARTHANAT, S., LYSACK, C.. *Who over 65 is online? Older adults' dispositions toward information communication technology.* Computers in Human Behavior, 43(February), 156–166, 2015.

ZACARIOTTI, Marluce. **(In)visibilidades das juventudes pós-modernas [manuscrito]: trilhas estéticas na cibercultura** / Marluce Zacariotti – Goiânia, 2015.

